

JULIA DE ARRUDA FIGUEREDO

E O MUNDO NÃO SE ACABOU:
o Rio de Janeiro recebe a gripe espanhola e
o “maior carnaval de todos os tempos”

Rio de Janeiro
2021

JULIA DE ARRUDA FIGUEREDO

**E O MUNDO NÃO SE ACABOU:
o Rio de Janeiro recebe a gripe espanhola e
o “maior carnaval de todos os tempos”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Gestão Pública.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Bastos da Silva

Rio de Janeiro
2021

CIP - Catalogação na Publicação

F475e Figueredo, Julia de Arruda
 E o mundo não se acabou: o Rio de Janeiro recebe a gripe espanhola e o "maior carnaval de todos os tempos" / Julia de Arruda Figueredo. -- Rio de Janeiro, 2021.
 75 f.

 Orientadora: Renata Bastos da Silva.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Bacharel em Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social, 2021.

 1. Carnaval. 2. Gripe espanhola. 3. Covid-19. 4. Pandemias. I. Bastos da Silva, Renata, orient. II. Título.

JULIA DE ARRUDA FIGUEREDO

**E O MUNDO NÃO SE ACABOU:
o Rio de Janeiro recebe a gripe espanhola e
o “maior carnaval de todos os tempos”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Gestão Pública.

Aprovado em: 22/10/2021

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Renata Bastos da Silva
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – UFRJ



Prof. Dr. Ricardo José de Azevedo Marinho
Instituto Devecchi e Unyleya Educacional



Profa. Elisa Monteiro
Jornalista e Historiadora

RESUMO

Este trabalho aborda a chegada da gripe espanhola, uma das maiores epidemias do século XX, ao Rio de Janeiro, a capital do Brasil à época, e a realização do carnaval de 1919, que foi considerado o maior da história. Ele também levanta reflexões sobre as possibilidades de contextualizar com um carnaval que promete retornar em um contexto ainda pandêmico, devido à Covid-19. Para isso, é recordado como era brincado o carnaval na primeira república, o contexto da primeira guerra mundial e a epidemia de 1918 no mundo. Logo após, é explicado como a gripe espanhola chegou ao Rio de Janeiro, seus sintomas, seu rápido contágio, aumento das mortes, as promessas dos remédios caseiros e o caos que tomou a cidade que adoeceu. Também é retratada a atuação política da época, as medidas de prevenção e dificuldades governamentais. Na sequência, é abordado o pré-carnaval, seus preparativos e a explosão que foi o carnaval de 1919. Por fim, é feita uma relação entre o carnaval de 1919 e a expectativa do próximo carnaval, de 2022, em um novo contexto pandêmico.

Palavras chave: carnaval; gripe espanhola; pandemias.

ABSTRACT

This study intend to analysis the arrived of the Spanish Flu (Influenza Pandemic), that was one of the biggest epidemics of the 20th century, in Rio de Janeiro - capital of Brazil at the time - until the arrival of the 1919 carnival, which was considered the biggest in history. Then, it will contextualize the study from a carnival that promises to return in a still pandemic context, because of Covid-19. For this purpose, it is remembered how carnival was played in the first republic, the context of the first world war and the 1918 epidemic in the world. Soon after, it is explained how the Spanish flu arrived in Rio de Janeiro, the symptoms, the fast contagion, increase in deaths, the promise of home remedies and the chaos that took over the city that fell ill. It also portrays the political activities of the time, prevention measures and governmental difficulties. After, we'll elucidate about the pre-carnival, the preparations and the big party that was the 1919 carnival. Finally, we can relacionate the 1919's carnival and the expectation of the next carnival in actuality, 2022, in a new pandemic context.

Keywords: carnival; influenza pandemic; pandemics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Entrudo	15
Figura 2 - Baile a fantasia no Vila Izabel Foot Ball Club	16
Figura 3 - Publicidade da loja Parc Royal de alguns itens para o carnaval de 1917	17
Figura 4 - Corsos Carnavalescos	18
Figura 5 - Zé Pereira	20
Figura 6 - Carros de ideias dos desfiles dos Democráticos - 1920 e Tenentes do diabo - 1913	22
Figura 7 - A doença "hespanhola"	26
Figura 8 - Viagem Navio Demerara	29
Figura 9 - Manchete da realidade do Rio em 1918	30
Figura 10 - Hospital do Instituto Benjamin Constant durante a pandemia	32
Figura 11 - Estatística de enterros dos cemitérios no Rio	34
Figura 12 - Hospital do "Meyer" – Reminiscências da epidemia	35
Figura 13 - Caminhão cheio de caixões mortuários saindo do necrotério	36
Figura 14 - Prisioneiros da casa de correção abrindo covas no cemitério do Caju	37
Figura 15 - Depoimento de voluntários dos cemitérios	38
Figura 16 - Curva de Mortes Rio de Janeiro 10/1918 - 12/1918	39
Figura 17 - Números de Óbitos por Doenças (1916-1920)	39
Figura 18 - Remédios alternativos para prevenção da gripe espanhola	41
Figura 19 - Banho de mar para prevenção da gripe espanhola	41
Figura 20 - Charge critica oferta de remédios que prometem milagres contra a gripe espanhola	42
Figura 21 - Multidão à procura de galinhas e ovos	43
Figura 22 - Informativo sobre prevenção da gripe	44
Figura 23 - Multidão no jogo Rio x São Paulo	45
Figura 24 - Procissão no Rio de Janeiro	46
Figura 25 - Notícia da morte de Rodrigues Alves	49
Figura 26 - Charge sobre a gripe espanhola	50
Figura 27 - Artigo sobre o carnaval de 1919	53
Figura 28 - Saúde Pública no carnaval de 1919	55
Figura 29 - Capa sobre o carnaval de 1919 na Gazeta de Notícias	56
Figura 30 - Capa sobre o carnaval de 1919 no Correio da Manhã	56
Figura 31 - Ilustração sobre a preparação do carnaval de 1919	57
Figura 32 - Charge sobre a "hespanhola"	58
Figura 33 - Alegorias do Tenente do Diabo, Democráticos e Fenianos	59
Figura 34 - Desfile Estação Primeira de Mangueira em 2020	63
Figura 35 - Charge que colabora com a ideia de que a gripe espanhola era uma doença espalhada pelos nazistas	65

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Justificativa	11
1.2 Problemática	11
1.3 Objetivos	12
1.3.1 Objetivo Geral	12
1.3.2 Objetivo Específico	12
2 O CARNAVAL NA HISTÓRIA REPUBLICANA BRASILEIRA	13
2.1 O Entrudo	14
2.2 Os Bailes	16
2.3 Os Corsos	18
2.4 O Zé Pereira	19
2.5 As Grandes Sociedades	21
2.6 Abre Alas	23
3 A GUERRA MUNDIAL E A GRIPE ESPANHOLA NO BRASIL	24
3.1 O desembarque da gripe em terras cariocas	28
3.2 O contágio	30
3.3 As promessas dos remédios	40
3.4 Paralisação de Atividades	44
3.5 Atuação governamental	47
4 O MAIOR CARNAVAL DO MUNDO - 1919	53
4.1 As sátiras com a espanhola	57
4.2 A ressaca da quarta-feira de cinzas	60
4.3 O saldo da espanhola no Rio de Janeiro	61
4.4 Uma nova pandemia	62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
5.1 O CARNAVAL	67
REFERÊNCIAS	70

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde, pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença e o termo passa a ser usado quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa.

Isso já aconteceu algumas vezes na história. Numa delas, matou quase 5% da população mundial em apenas 2 anos. Essa pandemia ocorreu em 1918 e infectou uma a cada três pessoas na terra. Por surgir em um contexto de guerra mundial (1914-1918), onde o fluxo de pessoas aumentou consideravelmente, o vírus acabou se espalhando pelo mundo de forma muito rápida e eficiente, chegando até o Brasil e por aqui, acompanhando a tendência mundial, ficou conhecida como gripe espanhola.

A gripe espanhola, que ganhou esse nome por ter sido divulgada inicialmente pelos jornais da Espanha, foi a pandemia mais letal do século passado. Miguel Couto, médico da época e ilustre pesquisador na área de saúde pública, calculou que cerca de 600 mil cariocas, ou seja, metade da população foi infectada pelo vírus.

A doença tinha um período de incubação muito rápido e agressivo, quando em certas circunstâncias, as vítimas adoeciam pela manhã e, por vezes, à tarde já estavam mortas. Impactou os serviços, escolas, igrejas, atingiu todas as classes sociais, faltaram caixões, coveiros e alimentos. O Rio de Janeiro tornou-se uma cidade fantasma.

Os governos, que não entenderam o risco e a capacidade letal da doença no começo, não prestaram as devidas informações e não se mobilizaram a contento para a contenção do vírus, não conseguiram controlar a situação. Durante a pandemia, foram feitas unidades de saúde de campanha e, tal como na pandemia da Covid-19¹, faltaram leitos.

¹De acordo com o Governo Federal Brasileiro, a Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Disponível em:

Mesmo sendo bastante severa, a pandemia durou muito tempo. No início de 1919 a diminuição da sintomatologia da doença foi atingida supostamente pela imunidade comunitária que, à época, se apresentava de forma totalmente desconhecida, numa realidade diferente da atual, uma vez que no início do século XX, as pesquisas científicas ainda não tinham o alcance e o rigor que tem hoje, em especial, como ocorre contemporaneamente com a existência da Organização Mundial da Saúde (OMS)².

Naquela época, o carnaval do Rio de Janeiro já era ativo e movimentado, inclusive por ser a capital do país. Desde janeiro, começaram os preparativos para a festa. E o carnaval que, em 1919, aconteceu só em 1º de maio era muito aguardado. Com isso, os que não sucumbiram à gripe espanhola, não cogitavam deixar de participar das festividades carnavalescas. E como esperado, efetivamente, aquele veio a ser o maior carnaval de todos os tempos até então na história do Rio de Janeiro.

Agora, mais de 100 anos depois, nos deparamos com uma nova pandemia, em uma proporção tão grande quanto a anterior. A gripe espanhola, no Rio de Janeiro, teve em sua fase mais crítica uma duração de cerca de três meses, chegou em outubro de 1918. Em janeiro de 1919 já havia arrefecido. Diferentemente deste cenário, a Síndrome Respiratória Aguda Causada pela Covid-19 perdura por mais de um ano após o primeiro infectado confirmado no Rio de Janeiro, em março de 2020. Novas variantes da doença aparecem e a população ainda precisa das medidas sanitárias para sua defesa frente ao vírus.

Com isso, nos deparamos com a doença e a relação dos poderes públicos mediante as festas populares, sendo o carnaval, o maior espetáculo da terra, uma das festas mais atingidas. Em 2021, pela primeira vez, não houve carnaval no Rio de Janeiro.

Neste sentido, nosso trabalho vai abordar o tema em três capítulos. Na partida, vamos apresentar a justificativa, a problemática e os objetivos de nosso

<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus#:~:text=A%20Covid%2D19%20%C3%A9%20uma,transmissibilidade%20e%20de%20distribui%C3%A7%C3%A3o%20global>. Acesso em: 12 out. 2021.

²Organização Mundial da Saúde (OMS) é uma agência especializada em saúde, fundada em 7 de abril de 1948 e subordinada à Organização das Nações Unidas (ONU).

estudo. Em seguida, vamos mostrar o tema do carnaval na história republicana brasileira, destacando alguns dos momentos desta festa. Posteriormente, no capítulo seguinte, salientamos, no contexto da Grande Guerra, o impacto da gripe espanhola no Brasil. E por fim, antes das considerações finais, discorreremos acerca das festividades carnavalescas após o grande surto da gripe espanhola.

1.1 Justificativa

Com o intuito de resgatar a memória de uma pandemia que havia atingido o mundo no século XX, é recuperado o registro da reorganização social pós gripe espanhola até a grande festa, que é o carnaval, para exemplificar que já passamos por outro momento difícil na história e que é possível recomeçar.

1.2 Problemática

Este trabalho visa analisar de que modo a pandemia da gripe espanhola, no início do século XX, impactou a realidade da cidade do Rio de Janeiro e particularmente uma de suas festividades mais importantes, o carnaval. À luz de apontamentos observados na historiografia carnavalesca, investigaremos a história da folia e suas transformações até o encontro com o contexto social de 1919, que encaramos como referencial para se entender e se pensar o mais novo cenário da pandemia da Covid-19 atualmente.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Examinar a configuração do Rio de Janeiro com a chegada da pandemia de gripe espanhola na cidade, as reações governamentais e suas relações com as celebrações carnavalescas vivenciadas em 1919 e 100 anos depois.

1.3.2 Objetivo Específico

Discorrer sobre pontos de contato e pontos de afastamento entre o contexto do século passado e o atual, observando os antigos e os novos desafios enfrentados pelos gestores públicos e privados envolvidos com a realização do carnaval carioca.

2 O CARNAVAL NA HISTÓRIA REPUBLICANA BRASILEIRA

Muito antes das escolas de samba entrarem na Marquês de Sapucaí para apresentar o maior espetáculo da terra, em 1889, o carnaval, que assim como hoje em dia, acontecia em fevereiro ou março³, era tomado por foliões pelas ruas ou clubes do Rio de Janeiro.

Segundo Cabral (1996), o Rio de Janeiro desde 1763, era o destino de levas de pessoas livres e escravos, além de africanos escravizados vindos diretamente de seus países de origem, transformando a cidade numa espécie de caldeirão cultural. E seria natural que surgissem em território carioca as primeiras manifestações de uma nova cultura popular. Para Bakhtin:

Durante o carnaval nas praças públicas, a abolição provisória das diferenças e barreiras hierárquicas entre as pessoas e a eliminação de certas regras e tabus vigentes na vida cotidiana criavam um tipo especial de comunicação ao mesmo tempo ideal e real entre as pessoas, impossível de estabelecer na vida ordinária (BAKHTIN, 2008, p. 14).

Ao longo da República nascente (Velha para a primeira historiografia e Primeira para a afrancesada)⁴ surgiram, persistiram e se extinguíram várias formas de celebração do carnaval. De acordo com Fernandes, essa diversidade festiva resultou de expressões de vários segmentos, grupos e classes sociais da cidade, atingindo seu clímax nos primeiros anos do século XX, quando o carnaval foi constituído pelo entrudo, grandes sociedades, bailes, ranchos, blocos, cordões, Zé Pereira, e do curso, que se exibiam nas ruas; ou ainda dos bailes em teatros e clubes.

Mas havia uma distinção. Ferreira (2004) explica que o carnaval era dividido entre o grande e o pequeno. O grande carnaval englobava as grandes sociedades,

³ Segundo Simas (2020) a igreja católica durante a idade média achava que havia muito pecado, então cria a quaresma, um período em que o cristão deveria meditar, jejuar, abandonar a carne. Contudo, a própria igreja admite que encarar 40 dias de quaresma era complicado, então o papa dá autorização para que seja feito antes da quaresma três dias de festa para o cristão se despedir da carne. [...]. Então o que acontece é uma festa de inversão social, um momento em que você deixaria todas as pulsões aflorarem e depois chegava na quarta-feira, o indivíduo ia para uma igreja e a força do catolicismo medieval marcava a testa do cristão com uma cruz feita de cinzas, daí surge o nome Quarta-Feira de Cinzas.

⁴Período da história do Brasil que se estendeu da Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, até a Revolução de 1930.

bailes e o curso, representando a parte mais abastada da festa. O pequeno carnaval incluía os grupos mais populares, como Zé Pereiras e blocos. Todas as brincadeiras que não estavam incluídas em nenhuma das duas categorias eram chamadas de entrudo.

O capítulo busca apresentar um pouco das principais manifestações carnavalescas na república velha, a fim de contextualizar o cenário do carnaval carioca no início do século XX.

2.1 O Entrudo

Os primeiros colonos portugueses que chegaram em terras brasileiras trouxeram consigo não somente seus pertences, mas também seus hábitos e costumes. Considerando o poder exercido pela igreja católica, as festas e feriados lusos foram implementadas na Colônia.

Vindo de Portugal e apontado como algo animalesco, o entrudo foi a forma mais tradicional de brincar durante os três dias de carnaval. A brincadeira tinha um espírito agressivo e perturbava a ordem, “não havia música, nem dança, mas muita bebida e correrias, perseguições, sujeira e violência” (VALENÇA, 1996, p. 13).

Era um divertimento que reunia grande parte dos marginalizados da sociedade e que permitia a eles alguns momentos de diversão, que dava a impressão de que eram os marginalizados que controlavam a sociedade. Os logradouros da cidade eram entregues àqueles que eram seus verdadeiros ocupantes: os negros escravos e os pobres em geral.

O entrudo era polifônico, ao permitir múltiplas vozes e cantares, sem um programa musical pré-definido, com urras, vivas e vaías, a despeito da pouca informação legada ao nosso tempo a respeito de sua musicalidade (ALVARES, 2014, p. 19).

O jogo do entrudo consistia em uma grande aglomeração na qual qualquer tipo de líquido e/ou pó poderia ser usado e arremessado no outro. Água suja, restos de comida, areia, dejetos, basicamente o que estivesse em mãos era transformado em elemento para o arremesso para os entrudistas.

Figura 1 - Entrudo



Fonte: Pintura de Jean Baptiste Debret - Die Entrudo, 1823.

O entrudo se transformou em um termo genérico que, na segunda metade do século XIX, era usado para designar todas as brincadeiras que se chocassem com um tipo de carnaval comprometido com os projetos de civilização para o Brasil, chamando atenção para a historicidade dessas práticas. (CUNHA, 2001)

Mas a brincadeira começou a ter má fama pelas elites e as condenações ao entrudo se tornaram cada vez mais comuns. Ferreira (2004) lembra que em 1831, por exemplo, a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro realizou um estudo procurando mapear todas as doenças que pudessem ser causadas direta ou indiretamente pelo entrudo, com o objetivo de ressaltar os males de saúde dele recorrentes. O mesmo autor também aborda que até a câmara municipal do Rio de Janeiro tentou, em 1841, proibir o “jogo do entrudo” e quem fosse pego nesta prática teria uma pena de oito dias de prisão, ou de cem açoites, na hipótese do contraventor ser um escravo.

Mas apesar de todas as proibições contra a sua existência, condenações e até prisões e punições contra os indivíduos que brincavam no carnaval, o entrudo não esmoreceu. Ele continuou resistindo e incomodando a dita boa sociedade brasileira, que buscou outra forma de se divertir.

2.2 Os Bailes

De acordo com Ferreira (2004), após o nascimento do Brasil, em 1822, a influência francesa aumentou no país. Tudo o que fosse ligado ao passado lusitano era considerado ultrapassado e as referências francesas eram consideradas a modernidade que deveria ser copiada. Com isso, o entrudo vai ser considerado cada vez mais inadequado a um país que desejava se igualar às principais nações do mundo e novas formas de comemorar o carnaval são introduzidas.

A moda dos bailes de Paris se espalhou e, desde 1840, boa parte dos carnavais urbanos do país começou a realizar bailes de carnaval. Todos esses bailes eram eventos sofisticados e com regras de comportamento que reforçam a distância que separava a festa das brincadeiras nas ruas brasileiras (FERREIRA, 2004).

Figura 2 - Baile a fantasia no Vila Izabel Foot Ball Club



Fonte: Revista Careta (1919, p. 13)⁵.

⁵ REVISTA CARETA. Echos do Carnaval - Baila a phantasia no VillazIsabel Foot Ball Club. Revista Careta, Rio de Janeiro, ano XII, 560 ed., 15 mar. 1919. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 13. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1919/careta_1919_560.pdf. Acesso em: 12 out. 2020.

Os bailes proibiam a entrada de convidados sem família, crianças e adolescentes menores de treze anos, homens solteiros sem fantasia e a todos os mascarados: permitiam-se as fantasias, mas de “cara limpa”.⁶

A obrigatoriedade de usar fantasias, regra aplicada em muitos bailes, gerou um grande comércio de vendas e aluguel de roupas, máscaras, perucas e barbas. Anúncios ocupavam as páginas dos jornais e o uso de fantasias se tornava um costume no carnaval, logo boa parte da população brasileira adotava o costume e se fantasiava como podia nos dias de festa.

Figura 3 - Publicidade da loja Parc Royal de alguns itens para o carnaval de 1917



Fonte: Jornal das Moças (1917)⁷.

A questão da fantasia separava bem as classes, já que à época, os preços de trajes e adereços não eram acessíveis para todos. Mas a moda dos bailes pegou e não só a elite brasileira frequentava os bailes.

Entram na cena os bailes frequentados pelas classes intermediárias da população que, segundo Ferreira (2004), passaram a incorporar boa parte do

⁶DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, 02 fev. 1856. p. 2.

⁷ JORNAL DAS MOÇAS. Carnaval de 1917. **Jornal das Moças**, Rio de Janeiro, 2017.

espírito saudavelmente esculhambado do entrudo popular. Enquanto isso, os bailes privados das classes mais abastadas tornavam-se cada vez mais fechados e exclusivos.

Isso acabou gerando uma grande rejeição, tanto popular, pela exclusão social, quanto das elites, por ter se misturado com o entrudo.

Mesmo assim, os bailes carnavalescos tiveram um grande valor para a construção do carnaval no Brasil. Uma das mais relevantes contribuições é conseguir criar a relação da folia com o uso de fantasias e influenciar toda a população até os dias de hoje.

2.3 Os Corsos

Moraes (1958) aborda que, em 1 de fevereiro de 1907, as filhas de Afonso Pena, então presidente da República, entraram na Avenida Central em carro do palácio presidencial. O automóvel percorreu a Avenida e as moças passeavam jogando confetes e serpentinas no público e noutros veículos com que cruzavam. Logo após o episódio, surgiram outros carros com pessoas agindo da mesma maneira.

Figura 4 - Corsos Carnavalescos



Fonte: Acervo MIS-RJ.⁸

⁸ ACERVO MIS-RJ. Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.mis.rj.gov.br/>.

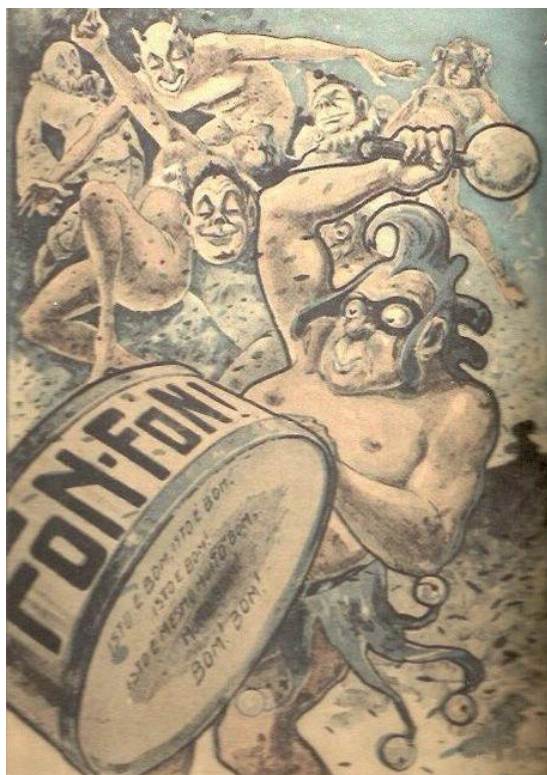
De forma quase automática, essa nova forma de brincar o carnaval foi criada, com incentivo da imprensa e dos foliões. Fernandes (2003) relata que, em 1910, o curso já era uma grande atração aguardada ansiosamente pelo público. Os desfiles começavam quando o sol de verão principiava a baixar. Os carros saíam de Botafogo, seguiam pelo belo boulevard recentemente construído na beira-mar por Pereira Passos, para chegar à Avenida Central, num trajeto em que os foliões e foliãs se entregavam a batalhas de confetes e serpentinas, trocavam troças e flertavam.

2.4 O Zé Pereira

Fernandes (2003) lembra a história dessa manifestação, que começa quando “um português, sapateiro com oficina na rua São José, emigrado da cidade do Porto, numa segunda-feira de carnaval, possivelmente ao se recordar com patricios das peripécias cometidas em um antigo folguedo da terra, resolveu alugar alguns bombos e junto com eles sair à rua zabumbando-os”. E o evento foi um sucesso.

Segundo Ferreira (2004), o Zé Pereira foi considerado como brincadeira e destacou-se das demais manifestações por se tornar um evento peculiar. Para ele, é impossível precisar a origem do Zé Pereira. Mas o ponto em comum nas primeiras referências sobre o Zé Pereira é exatamente o grande barulho produzido pelo grupo de brincantes em desfile, além de seu caráter descontrolado e popular.

Figura 5 - Zé Pereira



Fonte: Revista Fon-Fon (1909, p.1)⁹.

O jornal Gazeta de Notícias, em 4 de março de 1889, dizia que o Zé-Pereira correspondia a um termo genérico com o qual os jornalistas definiam quaisquer grupos de foliões populares que pulassem o carnaval atrás de uma banda de zabumbas e bumbos, empunhados por sujeitos vestidos de casacas esfarrapadas, que carregavam estandarte e faziam um “infernado barulho”.

Ferreira descreve o Zé Pereira como “Homens vestidos com roupas usadas (ou mesmo com trapos), tocando grandes surdos e arrastando em torno de si animados foliões atraídos pela barulhada” (FERREIRA, 2004, p. 210).

Vestidos com roupas dignas de figurarem nos sacos de chiffonniers [catadores de trapos] armados de bumbos a tiracolo, seguidos e precedidos de entusiásticos admiradores, tocaram o interminável bum bum com frenesi e a incansabilidade dos anos antecedentes. Em barulho e estridor ninguém põe o pé adiante aos Josés Pereiras; e, como o ruído é o primeiro elemento do carnaval, segue-se que os Josés Pereiras prestarão relevantes serviços nas setenta e duas horas da loucura pública e particular. Um deles, o mais

⁹ FON-FON. Número de Carnaval. **Revista Fon-Fon**, Rio de Janeiro, ano III, n. 8, 18 fev. 1909. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 1. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1909/fonfon_1909_008.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

aristocrático e maltrapilho, cruzou a cidade puxado em vasta andorinha, que apesar de ser só, fez ótimo verão [...]. (SEMANA ILUSTRADA, 1866 apud FERREIRA, 2004, p. 210).

Com isso, pode se dizer que o termo “Zé Pereira” significaria qualquer grupo barulhento e animado que se apresentasse fazendo grande algazarra durante o carnaval, ao som de tambores, sendo visto como um dos principais símbolos do carnaval, alegre e descontraído, em oposição aos desfiles pomposos e elaborados das sociedades.

2.5 As Grandes Sociedades

Com o aumento da rejeição tanto ao entrudo quanto aos Bailes de Máscaras, as Grandes Sociedades Carnavalescas se tornaram a principal atração do carnaval. Cunha (2001) lembra que as sociedades trouxeram consigo um “programa” para educar o “povo sem costumes”, ensiná-los qual é o verdadeiro carnaval: aquele baseado nos préstitos afrancesados, onde a maior parte da população passaria de criadora de carnavais à plateia de observadores comportados.

Um dos motivos para o êxito foi o esforço da classe média brasileira. Sua vontade de controlar, ou pelo menos reduzir o entrudo, pela nova forma de brincar o carnaval deu certo.

Diferente do entrudo, as sociedades eram organizadas, seguiam roteiros definidos de onde começar e onde acabar, além de ser acompanhada pela polícia local em caso de algum problema ou confusão.

O maior espaço nas páginas de seus jornais era dedicado aos préstitos das Grandes Sociedades Carnavalescas e outras sociedades e grupos que almejavam chegar próximo da glória ostentada por Democráticos, Fenianos e Tenentes do Diabo (NEPOMUCENO, 2011).

Desta forma, segundo Alvares (2014), os desfiles contavam com uma comissão de frente montada a cavalos, na ocasião a patrulha da cavalaria municipal e uma banda de música trajada a caráter, já com clarins como instrumentos predominantes. As fantasias distinguiram grupos de foliões, os músicos dos

não-músicos, os destaques de carros alegóricos e aqueles que representavam nobres, burgueses ou camponeses.

Figura 6 - Carros de ideias dos desfiles dos Democráticos - 1920 e Tenentes do diabo - 1913



Fonte: Rio de Janeiro Aqui¹⁰.

Os poderes públicos se omitiam em relação à organização dos desfiles e cabia às próprias sociedades a ordenação dos fluxos de deslocamento e divulgação através dos jornais da época.

As grandes sociedades desfilavam com a presença de imponentes alegorias e dominaram todo o carnaval da segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX (FERREIRA, 2004, p. 172). Uma crônica escrita por Coelho Neto em 1928, intitulada “O Carnaval de Outrora” conta um pouco do clima dos desfiles:

Era quase impossível varar-se a Rua do Ouvidor e com que ansiedade toda aquela gente oprimida, pisada nos calos, acotovelada, beliscada, esperava o clangor dos clarins anunciando a entrada da primeira sociedade.

De repente um som longínquo agitava a turba. Ah! Então é que era aperto [...] em carros imponentes, de complicado artifício, as lindas, porta-estandartes sustentavam as glórias dos clubes.

[...] entre o deslumbramento de um carro alegórico e um esquadrão de heteres a gargalhada cascalhava estrondosa à passagem de uma “crítica” comentando um acontecimento do ano no desfile.(COELHO NETTO, 1945, p. 102-103).

O desfile das grandes sociedades é o mais próximo hoje do que é o desfile de Escolas de Samba. Seus carros de ideias (atualmente equivalente aos carros

¹⁰ RIO DE JANEIRO AQUI. Disponível em: <https://www.riodejaneiroaqui.com/>.

alegóricos), exibiam sátiras aos governos, que eram comuns nos desfiles. Inclusive, no decorrer da década de 1880, associações abolicionistas e republicanas, que dotariam cidadania e civilização, foram refletidas no cotidiano político das Grandes Sociedades que eram grandes apoiadoras do movimento. Além das críticas políticas, foram um grande instrumento de modernidade e um dos principais protagonistas na formação do carnaval carioca.

2.6 Abre Alas

Com um breve resumo sobre como era o carnaval nos anos anteriores da chegada da gripe espanhola no Brasil, é possível perceber a divisão social bem marcada e como, desde muito tempo, o Rio de Janeiro já era palco das maiores manifestações culturais do mundo, sendo esse carnaval da capital o modelo copiado por todos os demais núcleos urbanos do país.

O carnaval de 1919 era bem diferente do que encontramos hoje, no século XXI, mesmo sabendo que os antigos forneceram os pilares para a festa atual.

Porém, os próximos capítulos vão demonstrar similaridades, em vários campos governamentais e administrativos, dos descasos com a saúde pública que, infelizmente, se repetiram em face às pandemias.

3 A GUERRA MUNDIAL E A GRIPE ESPANHOLA NO BRASIL

A segunda década do século XX foi fúnebre. A primeira Guerra Mundial começou em 1914 e envolveu as maiores potências da época, levando para o *front* exércitos de massa, afundando os militares em trincheiras e matando diversos soldados e civis. Atualmente, estima-se que mais de nove milhões de combatentes foram mortos (WILLMOTT, 2003).

Inicialmente o Brasil declarou neutralidade¹¹, que trazia vantagens para o país, uma vez que a economia nacional dependia essencialmente das exportações de café e nossos melhores compradores eram os europeus, conforme elucida Schwarcz e Starling (2020).

Porém, após navios brasileiros sofrerem diversos ataques por submarinos Alemães¹², e com a pressão de movimentos anti germânicos que ocorreram no sul e sudeste do país. Em cidades como Porto Alegre e São Paulo, lojas, escolas jornais e empresas de alemães ou seus descendentes foram atacados e depredados (SCHWARCZ; STARLING, 2020). O congresso, de pleno acordo com o Executivo, reconheceu o Decreto nº 3.361, de 26 de outubro de 1917 (BRASIL, 2017), o estado de guerra entre a Alemanha e o Brasil, enfatizando a colaboração do Brasil com os Aliados¹³.

O Brasil enviou missões médicas para a França, um grupo de aviadores para a Força Aérea Real Britânica, um grupo de oficiais e sargentos do exército que combateram com parte do exército francês e alguns navios para missões marítimas.

Em agosto de 1918, o Brasil enviou uma equipe de 153 especialistas e técnicos da saúde, entre médicos, enfermeiros, dentistas e farmacêuticos para ajudar os Aliados. A primeira escala foi em Dakar, onde embarcou um batalhão de soldados senegaleses e contam Schwarcz e Starling (2020):

Mas entre Dakar e a escala seguinte, na Argélia, os tripulantes descobriram um inimigo desconhecido. A gripe havia se instalado no navio. 24

¹¹ Fazendo isso o país informa que não atacará os países envolvidos e que espera não ser atacado.

¹² Entre abril e outubro de 1917, os alemães afundaram cinco navios brasileiros.

¹³ A Participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial - disponível no site do Exército Brasileiro: http://www.eb.mil.br/o-exercito?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=1554899&_101_type=content&_101_urlTitle=a-participacao-do-brasil-na-primeira-guerra-mundial&inheritRedirect=true.

integrantes da missão médica deram entrada no hospital militar com o diagnóstico idêntico: “gripe” [...] Foi a primeira investida da doença contra o Brasil. (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 53-54)

Durante o quarto ano da guerra, surgiu outra “arma”: a gripe espanhola. De janeiro de 1918 a dezembro de 1920, ela infectou, segundo estimativas, 500 milhões de pessoas, o equivalente a cerca de um quarto da população mundial na época (TAUBENBERGER; MORENS, 2006) e matando de 20 a 50 milhões de pessoas, ultrapassando o resultado de quatro anos de guerra global ininterruptos (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

Seu surgimento ainda é debatido. Entretanto, os maiores indícios são de que a gripe de 1918 teria surgido em campos de treinamento militar nos Estados Unidos e se espalhado pelo mundo em consequência do movimento de tropas que lutavam na Primeira Guerra Mundial (BERTUCCI, 2004).

O que se sabe realmente é que a gripe espanhola não surgiu na Espanha, como é esperado. O termo “gripe espanhola”¹⁴ se dá pela postura da Espanha na Guerra Mundial que, por ser um país neutro durante a guerra, não censurava as notícias sobre a nova epidemia¹⁵ (BERTUCCI, 2004). Desta forma, como as primeiras informações que chegavam sobre a epidemia eram da Espanha, no Brasil, a moléstia ficou conhecida como Gripe Espanhola.

A guerra, de acordo com Schwarcz e Starling (2020) naquele momento histórico, era a grande preocupação das grandes potências europeias. Deste modo, assoberbadas com o desenlace da guerra, elas demoraram para encarar a grave ameaça que tinham pela frente. Isso tudo, somou-se ao fato de que a gripe não figurava na lista de doenças letais da época.

De acordo com Gurgel (2013), essa pandemia iniciou-se como uma gripe comum, manifesta por meio de mal-estar, cefaleia, febre, mialgia, coriza e tosse e apresentava índice de mortalidade maior entre a população mais idosa, como é

¹⁴Designar uma doença com nome do estrangeiro é algo que se repete desde a idade média, apesar de constituir um modo covarde de apontar o outro como culpado pelo mal e acusá-lo de semear o contágio (FUSCO, 2020). Desde a gripe espanhola, não temos mais nenhuma doença que tenha alcunha de algum país ou alguma cidade. O Coronavírus, apesar de ter se iniciado na China, não se tem a alcunha de se colocar como um vírus chinês. Isso aconteceu em um pacto mundial para que não se ficasse com essa característica, se lembrando de determinado país ou determinada localidade por uma enfermidade tão grande.

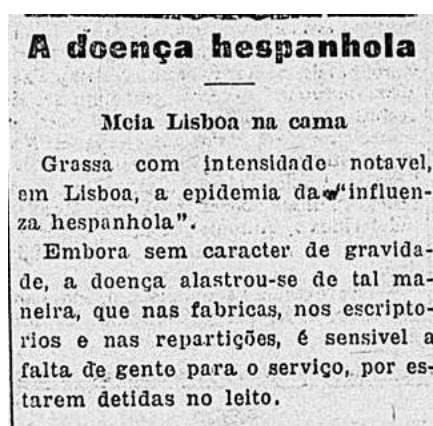
¹⁵Ao contrário dos países diretamente implicados no conflito que não queriam demonstrar sinais de fraqueza.

usual nessa afecção. Entretanto, em menos de 12 meses, ela apresentou-se em mais duas ondas. Foi a segunda leva, surgida no outono europeu daquele ano, que se converteu em uma das maiores tragédias já testemunhadas pela humanidade.

Schwarcz e Starling (2020) lembram que em 1918 a comunidade científica pouco sabia acerca da estrutura e da forma de atuação de um vírus, muito menos sobre como surgira a nova cepa que deu origem àquele tipo de influenza.

Enquanto, na Europa, a espanhola se disseminava, no Rio de Janeiro, capital da República, as notícias chegavam aos poucos pelos jornais. Contudo, todos amenizavam a doença, uma vez que não havia o conhecimento necessário sobre o vírus.

Figura 7 - A doença "hespanhola"



Fonte: O Paiz (1918, p. 8)¹⁶.

Aos poucos, as notícias sobre a gripe começaram a ser ignoradas ou tratadas com descaso e em tom pilhérico, até mesmo em tom de pseudocientificidade, ilustrando um estranho sentimento de imunidade face à doença (GOULART, 2005). Os jornalistas publicavam as notícias de maneira fria, como se a distância servisse de impedimento para que a influenza aportasse em terras tropicais (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

Conforme pode-se observar a seguir:

¹⁶ O PAIZ. A doença hespanhola. **Jornal O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XXXIV, n. 12.348, 01 ago. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1918_12348.pdf. Acesso em: 12 out. 2020.

Um artigo de A Careta, n. 537 demonstra, pelo tratamento anedótico, a desinformação da sociedade sobre o problema que a ameaçava:

A influenza espanhola e os perigos do contágio — esta moléstia é uma criação dos alemães que a espalham pelo mundo inteiro, por intermédio de seus submarinos, (...) nossos oficiais, marinheiros e médicos de nossa esquadra, que partiram há um mês, passam pelos hospitais do front, apanhando no meio do caminho e sendo vitimados pela traiçoeira criação bacteriológica dos alemães, porque em nossa opinião a misteriosa moléstia foi fabricada na Alemanha, carregada de virulência pelos sabichões teutônicos, engarrafada e depois distribuída pelos submarinos que se encarregam de espalhar as garrafas perto das costas dos países aliados, de maneira que, levadas pelas ondas para as praias, as garrafas apanhadas por gente inocente espalhem o terrível morbus por todo o universo, desta maneira obrigando os neutros a permanecerem neutros (REVISTA CARETA, 2018 apud GOULART, 2005, p.103) .

Como foi dito anteriormente e lembrado por Ruy Castro (2019) em meados de 1918, o governo brasileiro enviou para auxiliar na guerra, oficiais, médicos, generais e cruzadores. Esses homens eram membros da Missão Médica Brasileira e soldados do exército nacional, cujos navios ancoraram em Dakar (Senegal) e em Freetown (Serra Leoa) na primeira semana de setembro, antes de seguirem para a Europa em guerra. Quando a frota chegou a Dakar a tripulação se expôs ao vírus. Dos cerca de 1200 homens nos seis navios, mil caíram doentes e 156 morreram em questão de dias.

O que os estudos relatam é que a espanhola chegou ao Brasil por meio do navio Demerara, que contava com 562 passageiros e 170 tripulantes a bordo. A embarcação transportava, além de passageiros, mercadorias (açúcar, por exemplo) e correspondências. Na viagem de volta à Europa, levaria carne e café, entre outras provisões (BERNARDO, 2020).

Não há informações de quando o vírus embarcou no Demerara: se na escala anterior, em Lisboa, ou se o navio já saiu infectado da Inglaterra. A questão é que o Demerara, que contava com os enfermos, aportou em Recife, Salvador e então chegou no Rio de Janeiro no dia 16 de setembro, atracando na Praça Mauá.

Schwarcz e Starling (2020) contam que o Demerara içou bandeira amarela – sinal de doença a bordo. O inspetor de saúde do porto examinou a maior parte dos

passageiros e confirmou que a embarcação estava contaminada, conforme explicou Jayme Silvado, inspetor de profilaxia do porto:

Trazia carta de saúde limpa e atestado do médico de bordo, mencionando cinco óbitos por moléstias comuns durante a travessia. Ao visitá-lo, o inspetor de saúde, Dr. Figueiredo Ramos, encontrou dois doentes na enfermaria, um dos quais afetado de broncopneumonia gripal e o outro de infecção intestinal. Foi então dada a livre prática, expressa pelo arrear da bandeira de quarentena, ficando o capitão livre para atracar ou não, o seu navio (SILVADO, 1918, p. 2).

O Demerara foi, então, obrigado a retroceder para a área destinada aos navios com casos suspeitos de moléstia infecciosa. Contudo, cerca de duas horas depois, recebeu autorização para desembarcar no Armazém 18 do cais do porto, como previsto, e para iniciar o desembarque (SCHWARCZ; STARLING, 2020). Segundo notícia do jornal A Noite, em 21 de outubro, Jayme Silvado, Inspetor Sanitário do porto do Rio de Janeiro, consentiu na atracação do navio, pois, sendo positivista, não acreditava na propagação de micróbios¹⁷.

Sem ter informações sobre a gravidade da enfermidade que possuíam 367 passageiros, que apresentavam vários estágios da doença, desembarcaram normalmente na cidade do Rio. E assim, a doença começou a se espalhar pela cidade (SCHWARCZ; STARLING, 2020). Em dias, as pessoas começaram a passar mal, cair doentes e morrer em questão de horas.

3.1 O desembarque da gripe em terras cariocas

A cidade do Rio de Janeiro era capital do Brasil desde 1763¹⁸ e contava com a maior população do País. Havia na capital 910.710 habitantes no mês de setembro de 1918, sendo 697.543 na zona urbana e 213.167 nos subúrbios e na zona rural. (FONTENELLE, 1919).

O Rio de Janeiro contava com o principal porto do país, situado próximo da Praça Mauá. Por estar localizada próxima ao local de desembarque de navios de passageiros e de marinha mercante, a região desenvolveu várias atividades

¹⁷ Notícia do jornal A Noite, 21/10/1918.

¹⁸ O Brasil, só se tornará Brasil do ponto de vista administrativo a partir da independência em 1822. Portanto, em 1763, o Rio de Janeiro era a capital da colônia Brasil

comerciais ligadas ao turismo e ao câmbio, incluindo bares e casas de prostituição. Lá, desembarcaram os tripulantes do navio Demerara.

Figura 8 - Viagem Navio Demerara



Fonte: Gazeta de Notícias (1918, p. 6)¹⁹.

No dia 23 de setembro de 1918, o jornal Correio da Manhã (1918) abordava o estado de saúde dos tripulantes do Demerara e contava a quantidade de mortos que estavam a bordo do navio da divisão naval brasileira. O Jornal decidiu entrevistar autoridades brasileiras sobre a gripe espanhola. Um dos entrevistados foi o diretor geral da Saúde Pública²⁰, Dr. Carlos Seidl, que declarou para o jornal Correio da Manhã que estava “convencido de que não havia motivos de intranquilidade” (CORREIO DA MANHÃ, 1918, p. 1).

Outro entrevistado da mesma matéria foi o sanitarista Dr. Carlos Chagas,²¹ que dizia que “a doença se afigurava a outra “febre” muito conhecida na Europa, cujas consequências não eram de absoluta gravidade.” Entretanto, já com alguma noção do que estava por vir, Carlos Chagas alertava: “Necessário, se torna que, desde já, sejam tomadas diferentes medidas pelo Governo, entre as quais a de desinfetar com maior cuidado todos os navios vindos da Europa, da zona que se diz oriunda a perigosa moléstia, assim como proceder a rigorosa fiscalização entre os respectivos passageiros, cujas roupas e bagagens deverão ser, também, convenientemente desinfetadas”.

¹⁹ GAZETA DE NOTÍCIAS. O “Demerara” fez pessima viagem. **Jornal Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XLIII, n. 257, 16 set. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1918_00257.pdf. Acesso em: 09 out. 2020.

²⁰ No âmbito federal, existia a Diretoria-Geral de Saúde Pública, subordinada ao Ministério da Justiça, mas com atuação bastante limitada, cuidando apenas da barreira sanitária dos portos e da higiene da capital do país.

²¹ Na época, diretor do Instituto Oswaldo Cruz.

Com isso, nota-se que desde o início, por falta de conhecimento dos gestores da época, não havia noção das proporções que a gripe poderia atingir. Desta forma, não eram passadas informações suficientes para a população que mantinha sua rotina na capital. Aos poucos, a cidade começava a adoecer.

Aterravam a velocidade do contágio e o número de pessoas que estavam sendo acometidas. O terrível não era o número de casualidades, mas não haver quem fabricasse caixões, quem os levasse ao cemitério, quem abrisse covas e enterrasse os mortos. O espantoso já não era a quantidade de doentes, mas o fato de estarem quase todos doentes, a impossibilidade de ajudar, tratar, transportar comida, vender gêneros, aviar receitas, exercer, em suma, os misteres indispensáveis à vida coletiva [...] quatro quintos dos cariocas no chão, na cama ou na enxerga dos hospitais. (NAVA, 1976, p. 201).

No Rio de Janeiro, o número de gripados saltou de 440, no dia 10 de outubro, para cerca de 20 mil dois dias depois. As primeiras mortes pela moléstia foram divulgadas apenas dia 13 de outubro (MEYER, 1920), vinte e sete dias após a chegada do navio Demerara no porto carioca.

3.2 O contágio

Figura 9 - Manchete da realidade do Rio em 1918



Fonte: Gazeta de Notícias (1918, p. 1)²².

As cidades litorâneas eram as mais afetadas, uma vez que o vírus geralmente era transmitido por marinheiros em viagens, contaminando a população após o desembarque. Outras cidades litorâneas brasileiras foram muito atingidas: Recife, Salvador e Santos. Mas nenhuma tomou as proporções do Rio de Janeiro.

Era extremamente rápida a velocidade de contágio, o período de incubação era curto e o número de pessoas acometidas pela moléstia era muito elevado, como também o grau de letalidade.²³ Os sintomas eram variados. Segundo Mota Rezende (1919), de simples zoeiras nos ouvidos, surdez, cefaleias e hipertermias simples, a doença se desenvolvia apresentando sintomas como calafrios, hemorragias, urinas e vômitos sanguíneos, acompanhados por perturbações nos nervos cardíacos, infecções nos intestinos, pulmões e meninges, levando em poucas horas a vítima a sufocação, a diarreias, a dores lancinantes, ao letargo, ao coma, à uremia, à síncope e finalmente à morte em algumas horas ou alguns dias.

Schwarcz e Starling (2020) contam que as principais vítimas foram os jovens adultos, (de vinte a quarenta anos) e as grávidas. Uma hipótese é a de que justamente o fato de o organismo jovem ter uma imunidade mais eficaz, capaz de antecipar a resposta ao ataque do vírus, teria acentuado as características da doença. Também os mais idosos, acima de setenta anos, eram considerados bastante vulneráveis à doença, que ficou conhecida pelo nome de “limpa-velhos”.

²² GAZETA DE NOTÍCIAS. O Rio é um vasto hospital! **Jornal Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XLIII, n. 286, 15 out. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1918_00286.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

²³ A influenza assumia várias fisionomias clínicas classificadas como: pneumônica, broncopneumônica, gastroentérica, coleriforme, nevralgica, intestinal – esta última denominação, segundo Miguel Couto (ver: Anais da Academia Nacional de Medicina, 1924, sessão de 22 de maio, p. 119.), criada no Brasil para designar um tipo de gripe que tinha grandes efeitos sobre os intestinos – polineurítica, meningítica, meningo-encefálica, renal, astênica, sincopal e fulminante. A forma mais letal era descrita como mista, ao mesmo tempo meningo-encefálica, broncopneumônica e gastrointestinal, sendo denominada morbus extremis.

Figura 10 - Hospital do Instituto Benjamin Constant durante a pandemia



Fonte: Revista Careta (1918)²⁴.

A situação no Rio de Janeiro era o caos. Nelson Rodrigues (1912-1980), em suas crônicas para o *Correio da Manhã*, contou suas lembranças sobre a gripe. Para ele, “em 1918 a morte estava no ar [...] difusa, volatizada, atmosférica; todos a respiravam”, “ora, a gripe foi, justamente, a morte sem velório. Morria-se em massa. E foi de repente. De um dia para o outro, todo mundo começou a morrer. Os primeiros ainda foram chorados, velados e floridos. Mas quando a cidade sentiu que era mesmo a peste, ninguém chorou mais nem velou, nem floriu. O velório seria um luxo insuportável para os outros defuntos.”

Morrer na cama era um privilégio abusivo e aristocrático. O sujeito morria nos lugares mais impróprios, insuspeitados: - na varanda, na janela, na calçada, na esquina, no botequim. Normalmente, o agonizante põe-se a imaginar a reação dos parentes, amigos e desafetos. Na espanhola não havia reação nenhuma. Muitos caíam, rente ao meio-fio, com a cara enfiada no ralo. E ficavam, lá, estendidos, não como mortos, mas como bêbados. Ninguém os chorava, ninguém. Vinha o caminhão de limpeza pública, e ia recolhendo e empilhando os defuntos. Mas nem só os mortos eram assim apanhados no caminho. Muitos ainda viviam. Mas nem família, nem coveiros, ninguém tinha paciência. Ia alguém para o portão gritar para a carroça de lixo: ‘Aqui tem um! Aqui tem um!’. E, então, a carroça, ou o caminhão, parava. O cadáver era atirado em cima dos outros. Ninguém chorando ninguém. Se os próprios familiares não mais tinham ânimo para rituais, os carregadores muito menos. Nem para esperar o desfecho da

²⁴ REVISTA CARETA. Hospital do Instituto Benjamin Constant durante a pandemia. **Revista Careta**, Rio de Janeiro, 02 nov. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

morte. E o homem da carroça não tinha melindres, nem pudores. Levava doentes ainda estrebuchando. No cemitério, tudo era possível. Os coveiros acabavam de matar, a pau, a picareta, os agonizantes. Nada de túmulos exclusivos. Todo mundo era despejado em buracos, crateras hediondas. Por vezes, a vala era tão superficial que, de repente, um pé florescia na terra, ou emergia uma mão cheia de bichos. (RODRIGUES, 1994, p. 44-45).

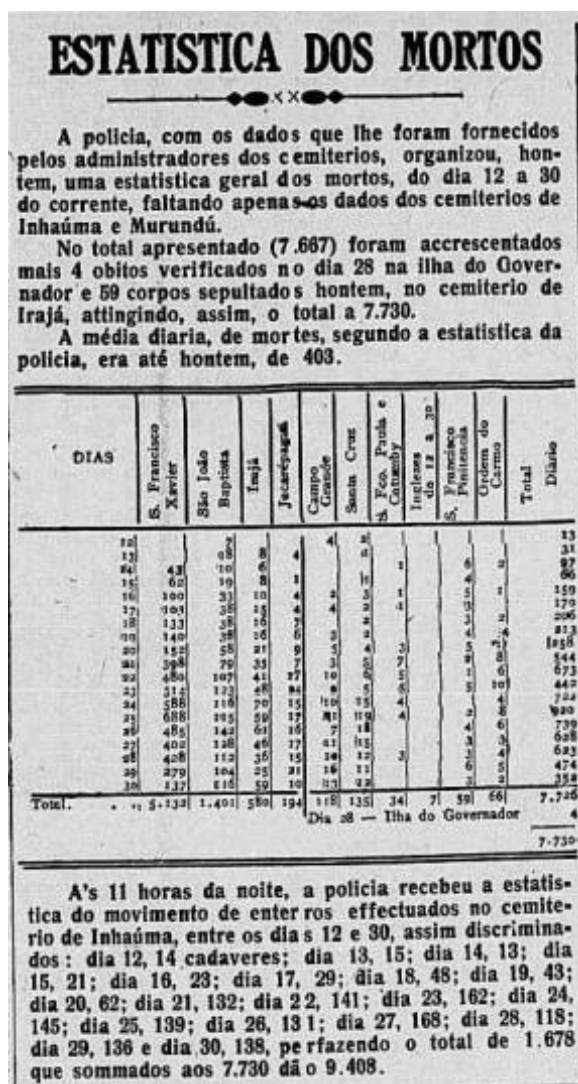
Faltavam leitos, remédios, médicos, hospitais para tratar os doentes mais graves e até comida. Os socorros, além de insuficientes, restringiam-se à população que habitava os centros urbanos, enquanto os subúrbios, morros e outras localidades periféricas sofriam imensa carência no atendimento mais básico (SCHWARCZ; STARLING, 2020), junto com a precariedade da habitação e a falta de saneamento básico, que era a realidade da maioria da população.

Além disso, faltava principalmente uma formação técnica dos profissionais da saúde ao enfrentar uma doença desconhecida. A população, os médicos e agentes de saúde não sabiam como agir.

Condicionada pela marcha sombria da epidemia, o Rio de Janeiro se tornou um cemitério a céu aberto de corpos largados nas ruas reformadas por Pereira Passos.

No decorrer da epidemia, a cifra de mortos elevou-se a níveis nunca vistos, sendo que apenas no dia 22 de outubro de 1918 foram computados 930 óbitos de gripe em um total de 1.073 óbitos (FONTENELLE, 1919). Ou seja, ocorreu um aumento na taxa de mortalidade no decorrer do evento de quase 2.000%. A espanhola fez fenecer no Rio de Janeiro algo em torno de 15 mil pessoas, levando para o leito, segundo as fontes, seiscentos mil cariocas – ou seja, cerca de 66% da população local (RIO DE JANEIRO, 1918).

Figura 11: Estatística de enterros dos cemitérios no Rio



Fonte: Correio da Manhã (1918, p.1)²⁵.

Ruy Castro (2019) conta que os hospitais lotados colocavam seus pacientes em camas improvisadas ou, na falta delas, nos corredores. E que não havia visitas. Nos numerosos enterros, autorizava-se apenas a presença de parentes próximos.

²⁵ CORREIO DA MANHÃ. Estatística dos mortos. **Jornal Correio da Manhã**, ano. XVIII, n. 7.187, 31 out. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1918_07187.pdf. Acesso em 07 set. 2020.

Figura 12 - Hospital do "Meyer" – Reminiscências da epidemia



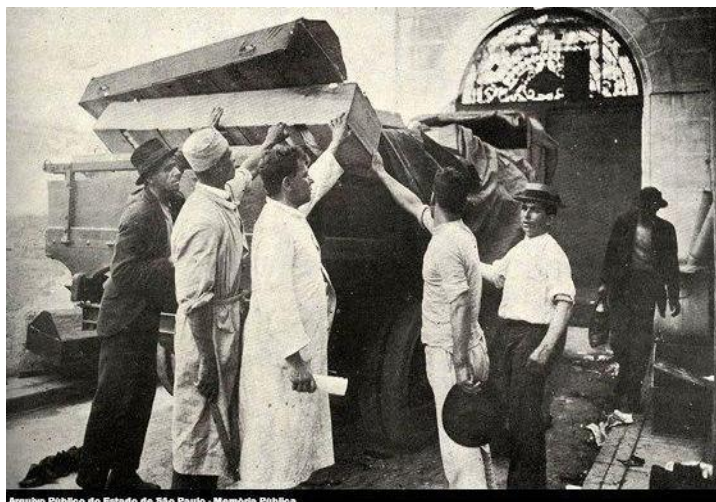
Fonte: Revista Careta (1918)²⁶.

As pessoas colocavam panos negros nas janelas e portas das casas para que coveiros, lixeiros e policiais (que eram as pessoas que acudiam) soubessem que ali tinha gente doente e que viessem socorrer ou recolher os defuntos (GOULART, 2005).

A quantidade de mortos não parava de aumentar, e por consequência, houve escassez de caixões para enterrar os acometidos pela gripe. As famílias deixavam os corpos dos parentes nas ruas, aguardando que fossem retirados de lá. De acordo com Westin (2018), carroças surgiam de tempos em tempos para, sem cuidado ou deferência, recolher os corpos, que seguiam em pilhas para o cemitério. Os coveiros, em grande parte, estavam acamados ou mortos.

²⁶ REVISTA CARETA. Hospital do "Meyer" – Reminiscências da epidemia. **Revista Careta**, Rio de Janeiro, nov. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 13 - Caminhão cheio de caixões mortuários saindo do necrotério



Fonte: Revista Careta (1918)²⁷.

Já alguns coveiros decidiram entrar em greve. O jornal A Razão, em 13 de outubro de 1918 (A RAZÃO, 1918), recebeu uma carta dos coveiros dizendo que temiam por suas famílias e pedindo aumento do salário, mas não foram atendidos.

Quem era responsável pela contratação de novos empregados e pelo pagamento dos salários era a Santa Casa, que se eximia das duas obrigações. A Gazeta de Notícias (1918) publicou uma nota com o título “A Santa Casa não é misericordiosa” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1918) onde criticava a administração. O governo então decidiu designar detentos como coveiros, mas nem isso foi suficiente para suprir a demanda de corpos que chegavam.

²⁷ REVISTA CARETA. Caminhão cheio de caixões mortuários saindo do necrotério. **Revista Careta**, Rio de Janeiro, out. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 14 - Prisioneiros da casa de correção abrindo covas no cemitério do Caju

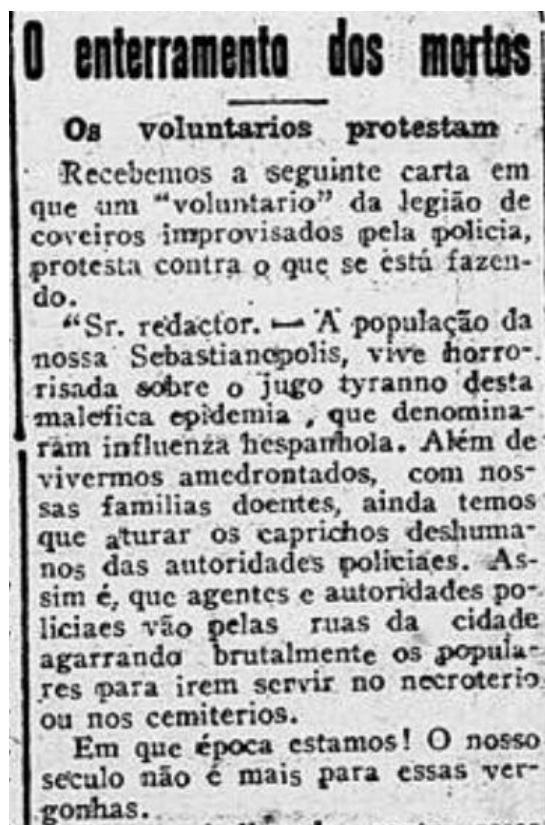


Fonte: Revista Careta (1918)²⁸.

A polícia começou a sair às ruas capturando os homens mais robustos, que eram forçados a abrir covas e sepultar os cadáveres. Os mortos eram tantos que não havia caixões suficientes e os corpos eram despejados em valas coletivas.

²⁸ REVISTA CARETA. Prisioneiros da Casa de Correção abrindo covas no cemitério do Caju. **Revista Careta**, Rio de Janeiro, 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Figura 15 - Depoimento de voluntários dos cemitérios

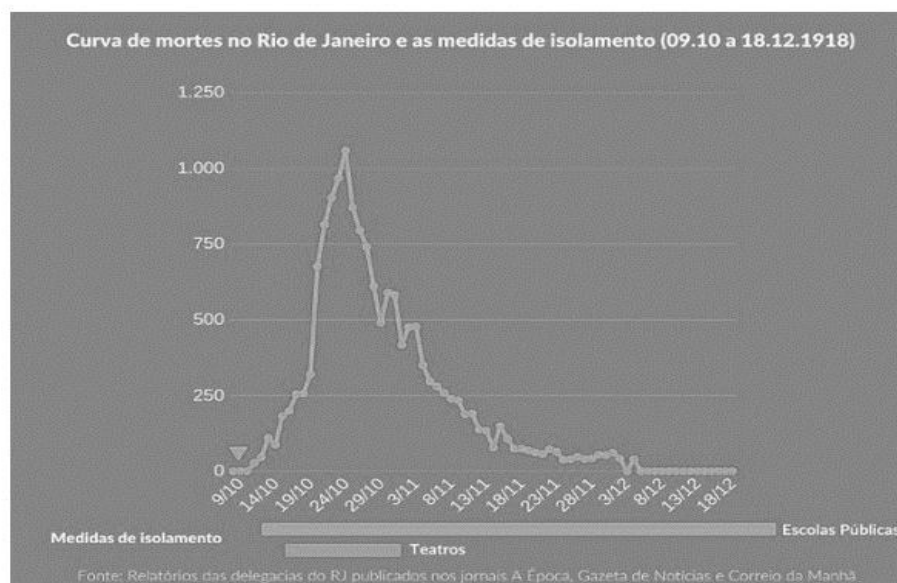


Fonte: Gazeta de Notícias (1918, p. 4)²⁹.

O gráfico, logo abaixo, mostra que o número de enterros por dia durante este período teve uma curva muito acentuada. O número subiu espantosamente de 12 enterros, em 12/10/1918, para 1.059 enterros em 25/10/1918. Após esse dia, o número de enterros declinou lentamente (MAIS HISTÓRIA, POR FAVOR!, 2020b).

²⁹ GAZETA DE NOTÍCIAS. O enterramento dos mortos. **Jornal Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XLIII, n. 294, 23 out. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1918_00294.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

Figura 16 - Curva de Mortes Rio de Janeiro 10/1918 - 12/1918



Fonte: Mais história, por favor! (2020).³⁰

Os casos de gripe foram responsáveis por 36% das mortes na cidade do Rio. Nos anos anteriores, não chegavam a 2,5%. E esse aumento se deu em um espaço de pouco mais de 30 dias.

Figura 17 - Números de Óbitos por Doenças (1916-1920)

	1915	1916	1917	1918	1919
Tuberculose pulmonar	4.233	4.103	4.035	4.748	4.222
Problemas aparelho digestivo	4.338	3.725	4.324	4.668	5.469
Gripe	584	426	411	12.720	450
Total	21.496	19.306	21.508	35.113	24.300

Fonte: Mais história, por favor! (2020)³¹.

³⁰ MAIS HISTÓRIA, POR FAVOR! Duas cidades, duas curvas: SP e RJ tomaram medidas diferentes em 1918, qual das medidas salvou mais vidas? **Mais história, por favor!**, 14 abr. 2020. 2020b. Disponível em:

<https://medium.com/@podcastmaishistoriaporfavor/duas-cidades-duas-curvas-sp-e-rj-tomaram-medidas-diferentes-em-1918-qual-das-medidas-salvou-3294b71c5b58>. Acesso em: 09 set. 2020.

³¹ MAIS HISTÓRIA, POR FAVOR! Como a curva de mortes da gripe espanhola cresceu no Rio de Janeiro, em 1918? **Mais história, por favor!**, 06 abr. 2020. 2020. Disponível em: <https://medium.com/@podcastmaishistoriaporfavor/como-a-curva-de-mortes-da-gripe-espanhola-cresceu-no-rio-de-janeiro-em-1918-d241398f8961>. Acesso em: 09 set. 2020.

3.3 As promessas dos remédios

Em meados de 1918, a comunidade científica conhecia pouco sobre a estrutura e a forma de atuação de um vírus. O tratamento era, com frequência, à base de aspirina. Reconhecia-se a eficácia desinfetante do álcool ou do vinagre e as vantagens do uso de máscara, no sentido de reduzir o risco de contaminação, conforme contam Schwarcz e Starling (2020). Sem uma solução definitiva, a escolha da população foi buscar maneiras alternativas.

Um dos primeiros produtos a serem indicados para tratamento era o sal de quinino³². Houve uma verdadeira corrida ao sal após as recomendações do uso deste produto nos principais jornais do país. O governo chegou a confiscar importações do sal nas alfândegas para uso terapêutico (MAIS HISTÓRIA, POR FAVOR!, 2020c).

Os jornais faziam propagandas de remédios e produtos que podiam “combater” a gripe espanhola. Ruy Castro (2019) lembra que, numa cultura em que o quinino era visto, até pelos médicos, como um santo remédio, o povo depositou suas esperanças em destronca-peitos, purgantes e preparadas a base de alfazema, limão, coco, cebola, vinho do Porto, sal de azedas, cachaça e fumo de rolo. Além disso, a própria Bayer passou a oferecer a aspirina fenacetina, anunciada como “tiro e queda contra a influenza” e prometendo “bem-estar com a rapidez de um raio”.

³² “O quinino, ou sulfato de quinina, é um alcaloide de gosto amargo e inodoro, em geral encontrado na forma de pó branco, que guarda funções antitérmicas e analgésicas. Medicamento normalmente utilizado para tratar arritmia cardíaca e malária” (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 138).

Figura 18 - Remédios alternativos para prevenção da gripe espanhola

INFLUENZA ESPANHOLA

Como preservativo desta terrível molestia, os médicos aconselham entre outros remédios, o uso do vinagre fabricado com frutas, de alta fermentação e pureza, isento de ácido acético synthetico.

O VINAGRE especial de MESA em garrafa, da Usina São Gonçalo, fabricado unicamente com frutas, satisfaz todas as exigências da Distincta Classe Médica, recommendando-se pela sua extrema pureza e limpidez.

Usalo no preparo dos alimentos, ou, como refrigerante deitando duas ou tres gotas em agua assucarada.

Não ha melhor remedio preventivo contra essa perigosa molestia de que estamos ameaçados.

HEPATOLAXINA E A INFLUENZA HESPANHOLA

Diz o illustre Director de Saude Publica: "... trazer o aparelho digestivo regulado é uma das condições contra esta molestia."

Consegue-se só com o uso da HEPATOLAXINA, tomando uma capsula ao almoço ou ao jantar todos os dias ou em dias alternados, conforme os efeitos.

Grande numero de attestados de eminentes professores da Faculdade de Medicina e Illustrados Clinicos já conta a HEPATOLAXINA em sua colleção, (5616)



Encontra-se nas "Pharmacias" e "Drogarias" do Brasil.

Fonte: Correio da Manhã (1918, p. 1; p. 3)^{33,34}.

Figura 19 - Banho de mar para prevenção da gripe espanhola

QUEM TEM HESPANHOLA?...

Tome banhos de mar

ASSIM O AFIRMA O SABIO MEDICO DR. VARZIM



Costumes americanos para ambos os sexos e todas as idades. O mais próximo ao tipo de camisas, calções, cintos de salvaguarda, sapatos e tudo mais

Casa Sportsman

Rua dos Ourives, 25 Av. Rio Branco. 53



Fonte: Gazeta de Notícias (1918)³⁵.

³³ CORREIO DA MANHÃ. Influenza Espanhola. **Jornal Correio da Manhã**, ano. XVIII, n. 7.153, 27 set. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1918_07153.pdf. Acesso em 07 set. 2020.

³⁴ CORREIO DA MANHÃ. Hepatolaxina e a Influenza Hespanhola. **Jornal Correio da Manhã**, ano. XVIII, n. 7.155, 29 set. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1918_07153.pdf. Acesso em 07 set. 2020.

³⁵ GAZETA DE NOTÍCIAS. Quem tem Hespanhola? **Jornal Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XLIII, n. 300, 29 out. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1918_00300.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

Figura 20 - Charge critica oferta de remédios que prometem milagres contra a gripe espanhola



Fonte: Mais história, por favor! (2020c).³⁶

Há, inclusive, relatos que o uso da aguardente misturada com mel e limão para combater os sintomas da influenza entre as camadas mais vulneráveis fez surgir a caipirinha (REIS, 2020).

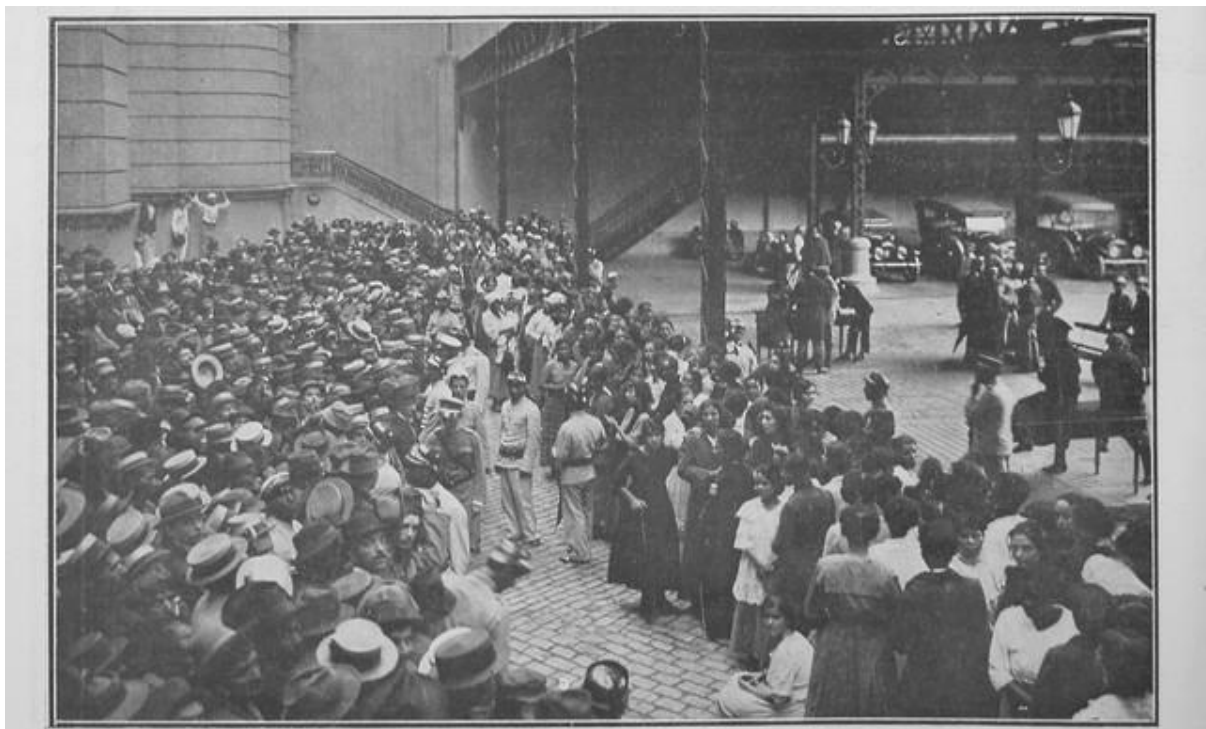
Houve um aumento no preço dos alimentos e, no desespero, muitos doentes recorriam às delegacias de polícia para pedir ajuda. A corrida às farmácias foi desenfreada, preocupando médicos e autoridades governamentais que determinaram medidas para controlar a venda e consumo exagerado de medicamentos. A polícia passou a garantir que em cada bairro uma farmácia e uma padaria se mantivessem abertas (WANDERLEY, 2020).

E tudo começou a inflacionar. Ovos custavam o mesmo que as próprias galinhas e por um único pão cobrava-se o valor outrora equivalente ao de uma cesta

³⁶ MAIS HISTÓRIA, POR FAVOR! Curas para a gripe espanhola: teve até treta de farmacêutico em 1918. **Mais história, por favor!**, 25 abr. 2020. 2020c. Disponível em: <https://medium.com/@podcastmaishistoriaporfavor/curas-para-a-gripe-espanhola-teve-at%C3%A9-treta-de-farmac%C3%AAutico-em-1918-9934da454c9c>. Acesso em: 09 set. 2020.

de pães. O limão, muito usado nas infusões, dobrou de preço. E a cidade passou fome (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

Figura 21 - Multidão à procura de galinhas e ovos



Fonte: Mais história, por favor! (2020)³⁷.

Nas páginas dos jornais, os médicos repetiam que era preciso respeitar a "marcha natural da moléstia"³⁸, isto é, as seis semanas que caracterizavam todo período epidêmico de gripe, a partir do primeiro caso da doença em uma região. Segundo os doutores, remédios ou vacina para curar a gripe ou imunizar contra a influenza (epidêmica ou não) não existiam.

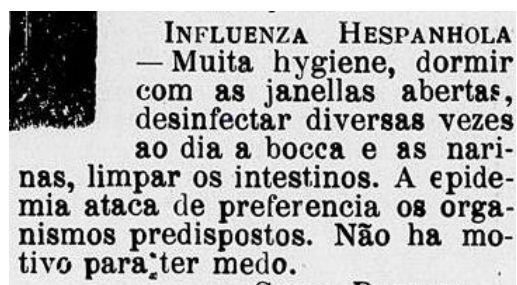
³⁷ MAIS HISTÓRIA, POR FAVOR! Chamaram os bombeiros e não foi para apagar nenhum incêndio: ganância, fome e escassez durante a gripe espanhola. **Mais história, por favor!**, 25 abr. 2020. 2020. Disponível em:

<https://medium.com/@podcastmaishistoriaporfavor/chamaram-os-bombeiros-e-n%C3%A3o-foi-para-a-pagar-nenhum-inc%C3%A2ndio-gan%C3%A2ncia-fome-e-escassez-durante-a-1d9f220ddc96>.

Acesso em: 09 set. 2020.

³⁸ A PLATEIA. **Jornal a Plateia**, Rio de Janeiro, 22 out. 1918. p. 6.

Figura 22 - Informativo sobre prevenção da gripe



Fonte: Revista da Semana (1918, p. 51)³⁹.

O crescimento de fórmulas miraculosas expõe o descontentamento dos cariocas com a carência de auxílios, suportes e acolhimento, a dificuldade que os governos tinham de estipular um diagnóstico conciso e a falta de políticas públicas eficientes que pudessem combater o aumento da disseminação da espanhola.

3.4 Paralisação de Atividades

O Rio de Janeiro, que era a capital do país, ainda não tinha capacidade de gestão quando se tratava da gripe espanhola. A princípio, não havia quarentena⁴⁰ ou planos para a contenção da doença. Não havia, principalmente, um plano que partisse do poder público em relação às atividades da cidade.

Segundo Costa (2020), podemos observar o esporte – ou a paixão por ele – como um possível vetor do crescimento da contaminação. No dia 12 de outubro centenas de torcedores rodearam o prédio do jornal O Paiz para descobrir o resultado do jogo entre o selecionado de São Paulo e Rio de Janeiro, válido pela Taça Rodrigues Alves.

³⁹ REVISTA DA SEMANA. Influenza Hespânica. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 09 out. 1918. p. 51.

⁴⁰ Isolamento e a diminuição do comércio, já foram vividos pelas gerações que passaram por pandemias anteriores, como a Peste Negra ou Peste Bubônica. (UJVARI, 2012).

Figura 23 - Multidão no jogo Rio x São Paulo



Fonte: O Paíz (1918, p. 11)⁴¹.

No Jornal do Brasil, dois dias após o jogo entre São Paulo e Rio de Janeiro, foi publicada uma matéria com o título “O scratch carioca e a influenza” que fazia menção a jogadores que contraíram a espanhola (JORNAL DO BRASIL, 1918 apud COSTA, 2020). Alguns jogadores do São Paulo voltaram para casa já doentes. O Jornal também destacou o “exemplo extraordinário de dedicação” de alguns atletas que mesmo enfermos foram a campo.

O governo não teve nenhuma iniciativa, cabendo apenas aos dirigentes das Ligas e dos clubes intervirem nas competições e assim, as ligas de futebol aprovaram a suspensão, na semana seguinte ao dia 13 de outubro (COSTA, 2020).

Com um governo sem preparo, quem fazia os comunicados eram os jornais e segundo Ruy Castro:

Através dos jornais, que continuaram a circular mesmo que reduzidos a poucas páginas, a população era aconselhada a evitar os trens, bondes e ônibus — que andasse a pé, se pudesse. Rogava-se que ninguém tossisse,

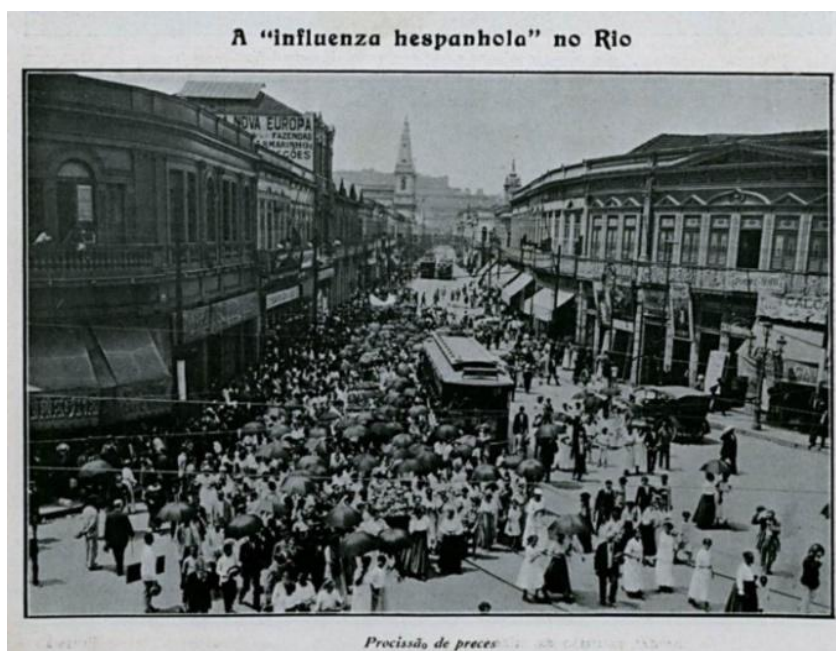
⁴¹ O PAIZ. Multidão no Jogo Rio x São Paulo. **Jornal O Paiz**, Rio de Janeiro, ano XXXIV, out. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 11.

espirrasse, cuspsse ou se assoasse em público — inútil, porque, já então, a cidade era uma tosse em uníssono. As aglomerações foram desestimuladas e, com isso, a vida desapareceu: fábricas, lojas, escolas, teatros, cinemas, concertos, restaurantes, bares, tribunais, clubes, associações, até bordéis, tudo fechou. A avenida Rio Branco, a rua do Ouvidor, a praça Tiradentes, pareciam cidades-fantasma. O movimento do porto parou — os navios que chegavam ficavam algumas horas no cais e iam embora, por falta de gente para descarregá-los (CASTRO, 2019, p. 18).

Schwarcz e Starling (2020) relatam que as ruas ficaram vazias; as telefonistas adoeceram, não sendo possível fazer ligações; os presidiários foram soltos, pois faltavam policiais; poucos bondes circulavam, já que os próprios condutores haviam sido contaminados; as atrações culturais foram canceladas. Mas a religião não parou por causa da pandemia

Durante o período de maior crescimento da curva, realizaram-se uma série de procissões pelas ruas do Rio de Janeiro. Uma das maiores procissões foi organizada pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário, reunindo uma verdadeira multidão, justamente no dia 20/10/1918⁴².

Figura 24 - Procissão no Rio de Janeiro



Fonte: Mais história, por favor! (2020a).

⁴²MAIS HISTÓRIA, POR FAVOR! Como aglomerações levaram à morte no Rio de Janeiro em 1918.

Mais história, por favor!, 08 abr. 2020. 2020a. Disponível em:

<https://medium.com/@podcastmaishistoriaporfavor/aglomera%C3%A7%C3%B5es-levaram-%C3%A0-morte-em-1918-eb2e6c2db932>. Acesso em: 09 set. 2020.

As procissões tinham o objetivo de conseguir “proteção divina contra a peste” e se espalharam pela cidade e atraíram multidões. À medida em que o número de corpos enterrados aumentava, subia também o número de procissões e rezas ao padroeiro da cidade, São Sebastião, para que levasse a gripe embora.

3.5 Atuação governamental

Quando a gripe espanhola chegou ao Brasil, éramos uma república por quase 30 anos. A palavra “República” gerava uma expectativa de avanço no país. Ela vinha com a esperança de novos tempos em que a modernização significava civilização. Porém, a república instaurada em 1889 era um modelo governamental conservador, excludente e sem solidariedade para a questão social.

O regime republicano não constituiu uma política consistente na área da saúde, muito menos uma agenda de saúde pública voltada para a população pobre, urbana e rural. A União se limitava ao serviço de vigilância sanitária e ao controle das condições portuárias.

Schwarcz e Starling (2020) lembram que os governos estaduais criaram a sua própria “Diretoria-Geral da Saúde Pública”, encarregada da aplicação de medidas gerais de saúde e específicas para as doenças transmissíveis. Em situações de grave crise sanitária, um governo estadual poderia requisitar intervenção federal, contudo, o ato poderia ser entendido como fraqueza diante da autonomia dos estados garantida pela constituição de 1891.

Não havia uma política pública no campo da saúde nos primeiros anos da República brasileira. De acordo com o IBGE, em 1900 a expectativa de vida do brasileiro era de 33,7 anos (OLIVEIRA, 2016). É importante lembrar que epidemias como a febre amarela, varíola, peste bubônica, tuberculose, cólera e malária eram comuns no início do século XX.

O navio Demerara chegou ao Rio de Janeiro em 16 de setembro, entretanto, apenas no dia 21 de outubro de 1918, o jornal O Estado de São Paulo publicou um resumo das considerações divulgadas pelo Serviço Sanitário do Estado para instruir a população no combate à moléstia, chamado Conselhos ao Povo:

Evitar aglomerações, principalmente à noite. Não fazer visitas. Tomar cuidados higiênicos com o nariz e a garganta: inalações de vaselina mentolada, gargarejos com água e sal, com água iodada, com ácido cítrico, tanino e infusões contendo tanino, como folhas de goiabeira e outras. Tomar, como preventivo, internamente, qualquer sal de quinino nas doses de 25 a 50 centigramas por dia, e de preferência no momento das refeições. Evitar toda a fadiga ou excesso físico. O doente, aos primeiros sintomas, deve ir para a cama, pois o repouso auxilia a cura e afasta as complicações e contágio. Não deve receber, absolutamente, nenhuma visita. Evitar as causas de resfriamento. É de necessidade tanto para os sãos, como para os doentes e os convalescentes. Às pessoas idosas devem aplicar-se com mais rigor ainda todos esses. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 1918, p.3).

A situação instaurada pela epidemia de gripe espanhola foi encarada como fruto de negligência, descaso, incompetência administrativa do governo, que não possuía estratégia alguma para lidar com as ameaças que intimidavam a nação, fatores amplamente explorados pelos jornais. A reação e a tensão populares espelhavam o fracasso do governo em persuadir as pessoas sobre a racionalidade de suas ações (EVANS, 1992).

Melhorar as condições sanitárias para a camada desfavorecida da população não era vista pela elite como um direito do cidadão ou um dever do Estado. Tratava-se, simplesmente, de medidas para que não houvesse disseminação de doenças para essa mesma elite (GAMA, 2013).

A gripe espanhola dominava os debates do Congresso Nacional e mostravam como o Brasil de 1918 se comportou diante da doença:

Esse grande flagelo parece zombar da fortaleza física do homem e deixa como rastro um número extraordinário de mortos e um exército de combalidos entregues à fraqueza, ao depauperamento, à quase invalidez. (WESTIN, 2020).

Assim como outros prédios públicos do país, o Senado e a Câmara, no Rio (que tinham o status de Distrito Federal), passam vários dias fechados. Não havia funcionários suficientes para tocar as atividades burocráticas no auge da epidemia. Muitos convalesceram e outros tantos morreram (WESTIN, 2018).

Goulart (2005) relata que apenas no dia 30 de setembro começaram a ser instaurados os serviços de assistência domiciliar e socorros públicos. Tais medidas significavam que se estava reconhecendo oficialmente o estado epidêmico na capital

federal. Mas nem de longe se supria a demanda imposta pela epidemia. Nenhuma grande estratégia para socorrer a população foi montada. Faltava pessoal preparado, leitos e material hospitalar.

O Estado estava diante do desconhecido e além do problema com a população infectada, havia os problemas econômicos e sociais. Em conjunto com a desinformação, a pouca ajuda prestada que não supria a demanda necessária para suprir a epidemia e o sentimento de abandono do poder público com a situação, revoltaram o povo carioca.

Delfim Moreira havia se tornado presidente interino porque o presidente do Brasil eleito em março de 1918, Rodrigues Alves, havia contraído a gripe espanhola dias antes de sua posse em outubro de 1918. Todavia, ele não resistiu e, em janeiro de 1919, morreu Rodrigues Alves. Delfim Moreira, então, assumiu interinamente⁴³, mas também morreu um ano depois por complicações da gripe espanhola, em julho de 1920.

Figura 25 - Notícia da morte de Rodrigues Alves



Fonte: O Estado de São Paulo (1919, p. 1)⁴⁴.

A omissão governamental culminou em um quadro de desordem pública. O momento crítico deu-se em meados de outubro quando a Diretoria-Geral da Saúde

⁴³ Delfim Moreira foi o primeiro presidente interino do Brasil. Ele permaneceu na liderança do país de 15 de novembro de 1918 a 28 de julho de 1919 — uma das presidências mais curtas da história do nosso país. Redação Galileu - 06 jun. 2020.

⁴⁴ O ESTADO DE SÃO PAULO. A morte do Sr. Conselheiro Rodrigues Alves. O Estado de São Paulo, São Paulo, 16 jan. 1919. p. 1.

Pública, por meio do seu titular Carlos Seidl, admitiu a impossibilidade de a gripe ser controlada (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

No dia 10 de outubro de 1918, Seidl apresentou, em sessão da Academia Nacional de Medicina, uma lista de nove conclusões sobre a gripe na capital, afirmando que “em sua marcha caprichosa e vagabunda, a influenza (...) menospreza todos os regulamentos, todas as medidas e todas as quarentenas, sendo o isolamento irrealizável na gripe epidêmica, a menos que se interrompam (...) todas as relações sociais e todos os contatos daí oriundos” (SEIDL, 1918, p. 591). Segundo Goulart (2005), as posturas contraditórias de Seidl demonstravam que a Diretoria Geral de Saúde Pública não estava preparada para combater a moléstia reinante.

Figura 26 - Charge sobre a gripe espanhola



Fonte: Gazeta de Notícias (1918, p. 1)⁴⁵.

As críticas ao Diretor Geral de Saúde Pública, Dr. Carlos Seidl, começaram a se intensificar. No dia 12 de outubro de 1918 a capa do jornal Gazeta de Notícias trazia a manchete “O Sr. Seidl deve demitir-se!”, e nela o chamava de fiasco e

⁴⁵ GAZETA DE NOTÍCIAS. Mais uma? **Jornal Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XLIII, n. 270, 29 set. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1918_00270.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

afirmava que o Dr. nada havia feito no cargo que exercia. No dia 15, no mesmo jornal, a capa abordava mais uma vez a necessidade de demissão de Seidl de uma forma muito mais dura:

O alastramento espantoso que a epidemia da gripe está tomando nesta capital foi previsto por tosa gente, menos pelo Sr. Diretor Geral da Saúde Pública, que deu, desse feitio, a prova mais cabal da sua incompetência e da sua desídia. [...] Já não é mais um caso que se possa alhear o Sr. Presidente da República. Sua Ex. está na obrigação moral, como uma satisfação ao povo, de demitir o diretor da saúde Pública, que, por isto ou por aquilo, por incompetência ou por desídia, deixou que este flagelo abatesse sobre nós. [...] O Sr. Carlos Seidl é um criminoso e não pode permanecer por mais quarenta e oito horas no posto que ocupa. É preciso demiti-lo! (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1918, p. 1).

O presidente do Brasil, Venceslau Brás, pôs a culpa da lentidão das medidas de combate em Seidl e procurou, ele próprio, se safar do sufoco político. No dia 18 de outubro de 1918, a primeira página do jornal A Noite noticiava a renúncia do Diretor Geral de Saúde Pública, Dr. Carlos Seidl, que na sua carta de demissão, dirigida ao Ministro da Justiça, Carlos Maximiliano, afirmava que havia perdido o apoio de Venceslau Braz, e reconhecia que havia solicitado a este “que ordenasse à censura o impedimento do noticiário abracadabrante e sensacional referente à epidemia”.

Theóphilo Torres foi nomeado já, no dia 19 de outubro, como novo Diretor Geral da Saúde Pública. Torres deu início ao estabelecimento dos hospitais provisórios, segundo orientações anteriores. Mas Torres era visto como “um burocrata da escola de Carlos Seidl”, e a administração sanitária precisava de um nome que “impusesse respeito por sua capacidade moral e intelectual” (NASCIMENTO, 1918, p. 720).

Para o sr. Carlos Seidl, que o diabo o conserve sempre em guarda tratava-se de um simples defluxo, de uma catarreira ignóbil, que, por muito benigna e prosaica, não merecia os cuidados de sua ciência transcendente. E o governo malgrado todas as reclamações, todos os protestos e todos os gritos de socorro que se levantaram uníssonos, desprezou tudo, para se fiar só na palavra do seu auxiliar, até que este, com a consciência talvez salteada pelo remorso, se deu ao luxo de pedir demissão. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1918, p. 1).

No dia 19 do mesmo mês, divulgou-se que a doença já havia atingido metade da população da cidade, estimada em 700 mil pessoas. Em desespero, o diretor da

Saúde Pública decretou um feriado de três dias que, certamente, não aliviou a situação (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

Na hora da incerteza, todo mundo procura uma tábua de salvação e a população da capital federal, devidamente inflamada pela imprensa, passou a exigir Carlos Chagas à frente dos serviços de combate à influenza espanhola (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

Havia todo um reconhecimento de Carlos Chagas como herdeiro científico de Oswaldo Cruz (GOULART, 2005). A exigência populacional e midiática foi acatada pelo governo, como forma de evitar maiores perdas políticas.

Quando Carlos Chagas tomou posse dos comandos dos socorros públicos, a epidemia já estava em declínio. De toda maneira, a entrada dele na secretaria foi recebida com festa por uma população que receava ver a capital federal transformada ou numa cidade fantasma ou num imenso hospital a céu aberto. (SCHWARCZ; STARLING, 2020, p. 150)

Chagas não modificou drasticamente a organização de enfrentamento da gripe, contudo, as mortes começaram a diminuir consideravelmente em novembro de 1918, com a curva natural de declínios das epidemias.

Aos poucos a população começou a sair às ruas e voltar à rotina. A primeira guerra também havia terminado. O pico da gripe espanhola havia passado e com ela o medo da população. Nesse ínterim, a população rapidamente adquiriu imunidade à custa de pelo menos 15 mil vidas (SCHWARCZ; STARLING, 2020).

Ninguém dotava de certeza quando ou se a gripe espanhola iria retornar. Mas, enquanto ela não voltava, o carnaval de 1919 se aproximava, desencadeando, na população, a vontade de aproveitar a vida antes que fosse tarde demais.

4 O MAIOR CARNAVAL DO MUNDO - 1919

Foi no Rio de Janeiro que a pandemia mostrou sua face mais terrível no país. Quando a crise da gripe amenizou, também foi no Rio a festa mais intensa. Em fevereiro veio o carnaval que é considerado por muitos o maior carnaval da história. A gripe espanhola não havia acabado, entretanto, no dia 20 de janeiro, um artigo do jornal Correio da Manhã já trazia:

Figura 27 - Artigo sobre o carnaval de 1919



Fonte: Correio da Manhã (1919, p. 2)⁴⁶.

Ruy Castro (2019) conta que aos poucos, as portas das casas começaram a se abrir. A cidade voltava à vida. Os caixeiros aparecem atrás dos balcões. O comércio retomou seu movimento e o dinheiro, inútil diante da morte, recuperou seu antigo valor. Os teatros reabriram e tinham agora filas nas portas. Os navios voltaram a parar no Rio. Das janelas, ouviam-se tímidos sons de pianos.

Além do fim da primeira grande onda da gripe, o início de 1919 celebrava também o encerramento da primeira guerra mundial e, por isso, motivos não faltavam para uma grande festa nas ruas cariocas. Nem a morte do presidente do país, Rodrigues Alves, que foi acometido pela gripe espanhola, comoveu os cariocas.

“Quem não morreu na espanhola?”. E ninguém percebeu que uma cidade morria, que o Rio machadiano estava entre os finados. Uma outra cidade ia

⁴⁶ CORREIO DA MANHÃ. Carnaval. **Jornal Correio da Manhã**, ano. XVIII, n. 7.268, 20 jan. 1919. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1919_07268.pdf. Acesso em 07 set. 2020.

nascer. Logo depois explodiu o Carnaval. E foi um desabamento de usos, costumes, valores, pudores.
(RODRIGUES, 1994, p. 46).

Se no ano anterior a cidade viu cadáveres se empilhando pelas calçadas e sendo recolhidos em caminhões de lixo, em 1919 o Rio foi tomado pelo carnaval – as escolas de samba ainda não existiam, mas o que se viu foi a multiplicação dos blocos, cordões, ranchos e das Grandes Sociedades (Paiva, 2020). Em fevereiro e o que se viu foi o carnaval considerado o maior da história. Nelson Rodrigues em suas crônicas conta um pouco como foram os festejos:

Desde as primeiras horas de sábado, houve uma obscenidade súbita, nunca vista, e que contaminou toda a cidade. Eram os mortos da espanhola e tão humilhados e tão ofendidos que cavalgavam os telhados, os muros, as famílias... Nada mais arcaico do que o pudor da véspera. Mocinhas, rapazes, senhoras, velhos cantavam uma modinha tremenda. Eis alguns versos: 'Na minha casa não se racha lenha/ Na minha racha, na minha racha/ Na minha casa não há falta d'água/ Na minha abunda, na minha abunda.'" (RODRIGUES, 1994, p. 48).

Mesmo não existindo escolas de samba, naquela época, o carnaval, como vimos, já contava com blocos, bailes, corsos e as grandes sociedades, que desfilavam apresentando carros alegóricos. Desde o começo de 1919, os jornais dedicaram páginas e mais páginas aos preparativos para a folia – o pré-carnaval já foi animado, com bailes nos principais clubes e blocos nas ruas da então capital federal. Chuvas torrenciais, que castigaram o Rio de Janeiro no princípio daquele ano, não diminuíram o ímpeto dos foliões. “Parece que os cariocas não se intimidaram e caíram na farra, comemorando o fato de que tinham sobrevivido ao fim do mundo”, diz o pesquisador da Fiocruz, Ricardo dos Santos ([sem data] apud CÂMARA, 2020).

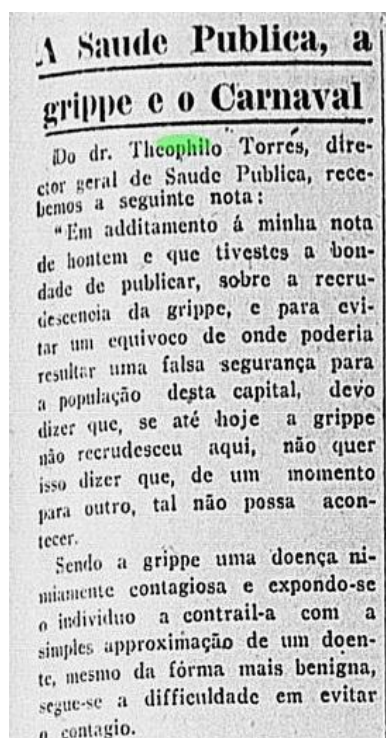
Poucas semanas antes, estávamos a milímetros da morte. Agora já eram as vésperas de 1919. Quem sobreviveu não perderia por nada aquele Carnaval. [...] O carnaval de 1919 seria o da revanche - a grande desforra contra a peste que quase dizimara a cidade. [...] Momo então era chamado de deus, não de rei, e já pontificava seus devotos. Ninguém podia imaginar que, tão pouco tempo depois do abalo provocado pela Espanhola, os jornais, a indústria e o comércio teriam tal bonança em seus negócios graças ao carnaval (CASTRO, 2019, p. 15).

No dia 23 de fevereiro, Theophilo Torres, Ministro da Saúde, lembrou no *Correio da Manhã* que a gripe não tinha retornado ao Rio, mas que isso poderia

gerar uma “falsa segurança para a população”. E aconselhava: “sendo a gripe uma doença contagiosa e expondo-se o indivíduo a contraí-la com a simples aproximação”, o ideal seria “evitar as aglomerações”, principalmente pessoas que tivessem sintomas, mesmo que leves (CÂMARA, 2020).

Conselho dado e coletivamente ignorado. “A própria ideia de que a gripe pudesse voltar fazia com que ninguém aceitasse se poupar. ‘E se este for o último carnaval da minha vida?’, perguntavam-se muitos”, conta o escritor Ruy Castro, em *Metrópole à Beira-Mar*.

Figura 28 - Saúde Pública no carnaval de 1919



Fonte: Câmara (2020)⁴⁷.

Contudo, Ferreira (2004) destacou em sua obra, *o livro de ouro do carnaval brasileiro*, que as autoridades deixavam na mão dos próprios clubes e sociedades a regulamentação do carnaval. Provavelmente porque, sob a ótica dos detentores do poder, o carnaval estava em boas mãos. Então as próprias sociedades se

⁴⁷ CÂMARA, R. S. O carnaval do fim do mundo: Como a gripe espanhola revolucionou a folia carioca. **360Meridianos**, Rio de Janeiro, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/carnaval-rio-1919-gripe-espanhola>. Acesso em: 20 set. 2021.

encarregavam da organização dos festejos, com a ajuda da imprensa e a omissão das autoridades.

Em 1º de março de 1919 o carnaval explode nas ruas do Rio de Janeiro. Sem medo da doença de grande parte da população que aproveitou os festejos e sem o preparo da gestão pública da época.

Figura 29 - Capa sobre o carnaval de 1919 na Gazeta de Notícias



Fonte: Câmara (2020).

Figura 30 - Capa sobre o carnaval de 1919 no Correio da Manhã



Fonte: Câmara (2020).

O Paiz, no dia 03 de março de 1919 (O PAIZ, 1919, p. 5) trouxe a frase que mostrava o sentimento do carioca dizendo que “o carnaval não morreu. Ao contrário, vingou-se, gloriosamente, das restrições que o ano passado lhe impôs a guerra, e prestou-nos, a todos, o ótimo serviço de fazer escurecer a visita macabra da “hespanhola””.

Figura 31 - Ilustração sobre a preparação do carnaval de 1919



Fonte: O Malho (1919)⁴⁸.

4.1 As sátiras com a espanhola

As marchinhas de 1919 faziam referência ao momento difícil que todos passaram, mas tratada com deboche e humor.

O jornal A Noite (1919), antes do carnaval acontecer de fato, trouxe as “vinhetas da semana”. Em uma das charges apresentadas, aparece uma mulher com um véu cobrindo a cabeça e em suas mãos cabelos, lembrando um dos sintomas que a gripe poderia causar, a queda de cabelos. Na legenda, retratam “Cuidado com ela! Põe a calva à mostra a toda gente... que tenha cabelo de verdade”.

⁴⁸ O MALHO. Ilustração sobre a preparação do carnaval de 1919. **Revista O Malho**, Rio de Janeiro, 01 mar. 2019.

Figura 32 - Charge sobre a "hespanhola"



Fonte: A Noite (1919)⁴⁹.

A doença também foi tema dos desfiles das Grandes Sociedades Carnavalescas. Os Fenianos apresentaram um carro com caveiras que representavam a “dançarina espanhola”, que era cercada por pierrôs, arlequins e colombinas. Os Tenentes do Diabo também brincaram com a espanhola e registraram os problemas com a calvície. Os Democráticos mostraram uma enorme xícara que carregava a inscrição “chá da meia-noite”⁵⁰, em referência à bebida que dizia-se acelerar o adeus dos enfermos. Em desfile, cantava:

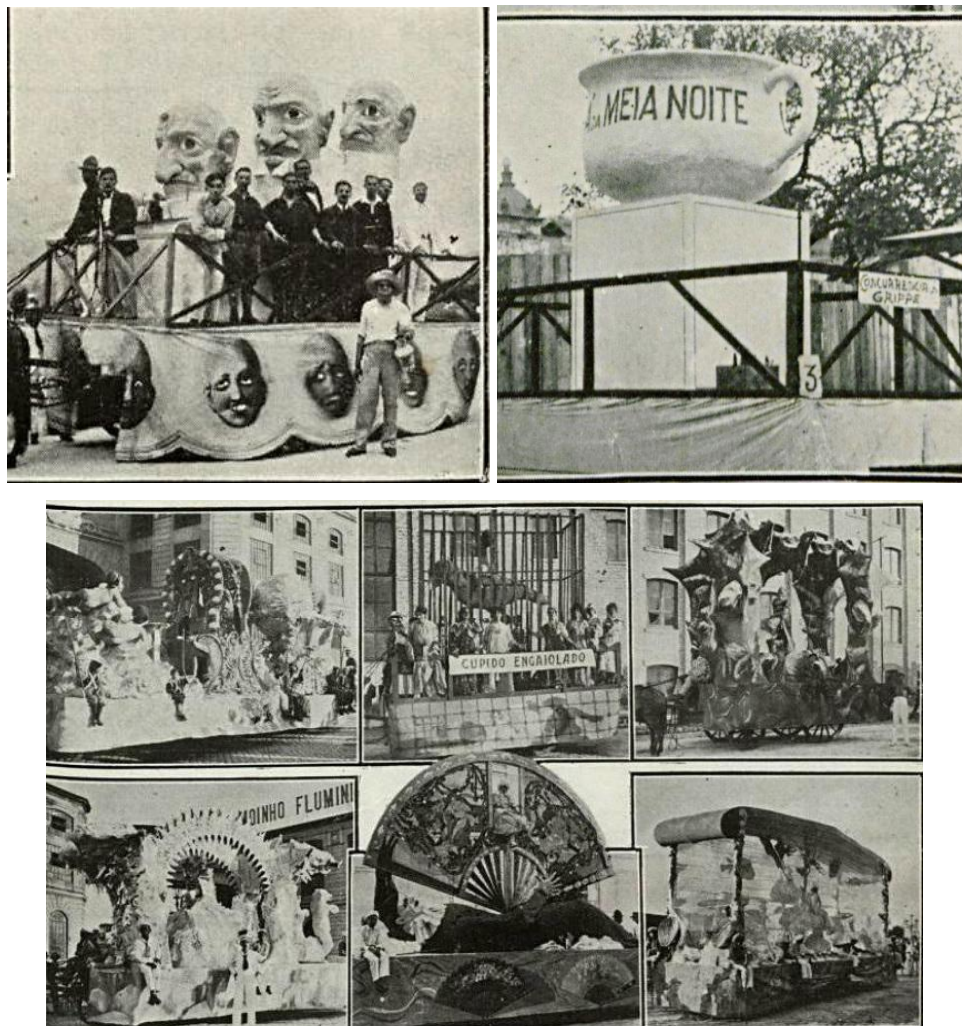
"Estão lembrados senhores
Desse chá famigerado?
Isso foi no anno passado,
Num mês de grandes horrores...
A Santa Casa da Miséria e Corda
Pôs muita gente do sepulcro à borda...
"O chá da meia noite"
Foi caminho mais curto pra morte
Do pobre desgraçado, dos "sem sorte"
O chá marcou a época tristonha
E o ZÉ POVINHO mesmo ardendo em brasa
Queimado pela febre má, bisonha,

⁴⁹ A NOITE. Vinhetas da Semana. **Jornal A Noite**, Rio de Janeiro, 2.586 ed., 23 fev. 1919.

⁵⁰ Começou a circular, no Rio de Janeiro, um boato de que a Santa Casa da Misericórdia, que atendia grande parte do público geral da capital com a gripe, tinha a prática de dar um chá envenenado para esses pacientes, a fim de acelerar a desocupação de leitos no local. A iguaria, servida sempre ao início da madrugada, foi apelidada de chá da meia-noite, e a imprensa começou a chamar a Santa Casa de Casa do Diabo. A oferta do chá era sempre feita com a promessa de que os enfermos iriam melhorar subitamente, e que seria dado como um prêmio para os enfermos com melhor comportamento. (Caio Tortamano, *Aventuras na História*, 18/04/2020)

Excomungou, de vez, a Santa Casa!"
(CORREIO DA MANHÃ, 1919, p. 7)

Figura 33 - Alegorias do Tenente do Diabo, Democráticos e Fenianos



Fonte: Revista Careta (1919)⁵¹.

O ano de 1919 também marca o começo do tradicional bloco Cordão do Bola Preta, que havia sido fundado no ano anterior, e o Bloco do Eu Sozinho, onde o jornalista Júlio Silva comandou a farra sem aceitar abraços, em uma brincadeira que se perpetuou por mais de 50 anos.

Carmen Miranda lançou uma música, escrita pelo compositor baiano Assis Valente, que conta um pouco mais do sentimento do carnaval de 1919:

⁵¹ REVISTA CARETA. Carros-chefes. **Revista Careta**, Rio de Janeiro, ano XII, 559 ed., 08 mar. 1919. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1919/careta_1919_559.pdf. Acesso em: 12 out. 2020.

Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar.
 Por causa disso, minha gente lá de casa começou a rezar.
 Disseram até que o sol ia nascer antes da madrugada
 Por causa disso, minha gente lá no morro não se fez batucada.
 Acreditei nessa conversa mole, pensei que o mundo ia se acabar.
 E fui tratando de me despedir, sem demora fui tratando de aproveitar.
 Beije na boca de quem não queria,
 Peguei na mão de quem não merecia.
 Dancei um samba em traje de maiô
 E o tal do mundo não se acabou.
 (Valente, Assis. "E o Mundo Não Se Acabou." Por: Carmen Miranda).

4.2 A ressaca da quarta-feira de cinzas

Chegou à morte do Rei Momo. O jornal o Correio da Manhã (1919 apud CÂMARA, 2020) concluía que a festa tinha sido um sucesso: “Foi um carnaval magnífico que deixou saudosa impressão. Porque pelo menos ainda temos o carnaval. Podia ser pior, podíamos não ter coisa alguma” (CORREIO DA MANHÃ, 1919 apud CÂMARA, 2020).

Contudo, já na quarta-feira, os principais jornais cariocas dedicavam colunas aos achados e perdidos: pessoas de todas as idades que caíram na folia e ainda não tinham retornado para suas casas, deixando famílias preocupadíssimas. Além disso, de acordo com o site 360 Meridianos, a polícia registrou recorde nos atendimentos, de registros de crianças desaparecidas a queixas de assédio sexual e crimes violentos, inclusive estupros.

Segundo Carlos Heitor Cony (2001), foram cometidos inúmeros 'defloramentos', durante o período carnavalesco, que, segundo o Câmara (2020) era um crime descrito no código penal entre 1890 e 1940, onde deflorar uma mulher de menor idade (menos de 21 anos), empregando “sedução, engano ou fraude” resultava em até quatro anos de prisão. Cerca de dois mil casos, somente nas localidades próximas da Rua Santo Amaro (Catete e Glória). Tantos que os que ocasionaram gravidez provocaram o surgimento da expressão "os filhos da gripe".

Sobre a gripe, ainda uma terceira onda da doença, após carnaval que aconteceu de fevereiro a maio de 1919. Embora mais letal que a primeira, teve um número de mortos relativamente mais baixo que a segunda (JANASI, 2020).

Abreu (2020) lembra que, nesse período, Carlos Chagas havia assumido a direção do Departamento Nacional de Saúde Pública em 1919, abriu hospitais de campanha no Rio e em São Paulo e criou 27 postos de atendimento nas estações de trem do subúrbio do Rio de Janeiro, região mais afetada da cidade.

Segundo o CCMS (Centro Cultural do Ministério da Saúde)⁵², Chagas comandou também uma campanha junto aos veículos de comunicação, que passaram a publicar recomendações de prevenção, como higienização de mãos, boa alimentação e o cuidado de não visitar pessoas doentes. Publicou cartazes e panfletos de alerta, pediu ajuda à comunidade médica do país e, por meio do Instituto Oswaldo Cruz, incentivou a pesquisa sobre a doença. No fim do ano, a pandemia já estava mais controlada no país.

4.3 O saldo da espanhola no Rio de Janeiro

A epidemia mostrou um problema grave do Brasil: a precariedade dos serviços de saúde. Sem hospitais públicos, a população mais pobre foi a que mais sofreu, dependendo da assistência de instituições de caridade, como a Cruz Vermelha e as Santas Casas.

No Brasil, com uma população da época de aproximadamente 30 milhões de habitantes⁵³, a espanhola fez fenecer aproximadamente 30 mil pessoas. Já no Rio de Janeiro algo em torno de 15 mil pessoas, levando para o leito, segundo as fontes, seiscentos mil cariocas – ou seja, o equivalente a 66% da população local e à morte, metade dos casos fatais (GOULART, 2005).

O susto da gripe espanhola retirou o Governo da inércia. Um ano mais tarde, na virada de 1919 para 1920, o Congresso Nacional aprovou e o presidente Epitácio Pessoa sancionou uma decisiva reforma na estrutura federal de saúde (PAIVA, 2020).

⁵²CCMS. Carlos Chagas e a gripe espanhola, 2020. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/noticias/carlos-chagas-e-gripe-espanhola>. Acesso em: 19 nov. 2020.

⁵³IBGE. Estatísticas do povoamento. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento.html>. Acesso em: 20 nov. 2020.

A acanhada diretoria cresceu, ganhou responsabilidades e foi rebatizada de Departamento Nacional de Saúde Pública. O novo departamento atuou no combate à lepra, à tuberculose, à malária e às doenças venéreas. O escopo virou nacional.

Assim, de forma indireta, a gripe espanhola semeou a semente do Ministério da Saúde, que surgiu em 1930 (como Ministério dos Negócios da Saúde e da Educação Pública) no governo de Getúlio Vargas.

Já os carnavais do Rio de Janeiro se tornaram uma potência. Mesmo que os ranchos, sociedades carnavalescas e corsos não tenham resistido ao tempo, nosso carnaval, composto pelos blocos e desfiles de escolas de samba, que geram bilhões para a economia, se mantiveram como parte da cultura carioca.

Contudo, cem anos depois, com a chegada de uma nova pandemia, surge uma nova crise.

4.4 Uma nova pandemia

De 1919 até 2019 muita coisa mudou, contudo, o desafio de uma pandemia retornou. No final de 2019, surgiram os primeiros infectados com a Covid-19, conhecido também como coronavírus, que é um grande conjunto de vírus que causam várias doenças respiratórias, desde resfriados comuns, até doenças mais graves. O vírus que já circulava e matava pessoas na Ásia e na Europa não demorou para alcançar o Brasil. Diferente da gripe espanhola, que chegava por meio de navios, a Covid-19 não teve muita dificuldade para se espalhar em um contexto global no qual cerca de 44 mil voos acontecem por dia, dados da FAA, a Agência de Aviação Civil Norte-Americana.

Até o carnaval, nenhuma medida definitiva havia sido instaurada. O ministro da saúde da época, Luiz Henrique Mandetta, no dia cinco de fevereiro de 2020, deu uma entrevista, conforme veiculado pela Jovem Pan, informando que o coronavírus não afetaria o carnaval, que os casos eram isolados na China, e que sem casos confirmados no Brasil, o cancelamento do carnaval não era justificável.

Os casos fora do Brasil cresciam, porém não impediram o começo da maior festa popular do país. O pré-carnaval contava com debates sobre o vírus, mas nenhuma medida foi tomada.

E então o carnaval de 2020 explodiu nos dias 21 até 24 de fevereiro. Evento esse que, segundo balanço da RioTur (RIO DE JANEIRO, 2020), contou com mais de 2.1 milhões de turistas no Rio de Janeiro, mais de 10 milhões de pessoas circulando nas ruas da cidade durante o período carnavalesco, além de gerar R\$ 4 bilhões em movimentação econômica, 8% a mais que no ano anterior.

Figura 34 - Desfile Estação Primeira de Mangueira em 2020



Foto: Rio de Janeiro (2020).

Depois do feriado, começaram a surgir os primeiros infectados na cidade, vindos de pessoas que retornavam de viagens do exterior. A doença começou a se espalhar aos poucos e semanas depois, medidas de restrição começaram a ser adotadas. Adotando a tendência mundial, o Rio entrou em quarentena para tentar conter a propagação do vírus. O setor cultural foi o primeiro a parar e as incertezas com o avanço da pandemia no Brasil só aumentaram.

Diferentemente de 1919, com o avanço da tecnologia, já estavam sendo desenvolvidas no mundo diversas vacinas para conter os sintomas e risco de morte da doença. A vacinação teve sua estreia mundial em Londres, no início de dezembro, um ano após o começo da pandemia. No Brasil, a vacinação começou em janeiro de 2021, impossibilitando os planos da realização do carnaval, uma vez

que a maioria da população não estaria imunizada e não haveria possibilidade de implementar as medidas sanitárias com aglomerações.

Pela primeira vez, não foi realizado o carnaval na história do Rio de Janeiro. As ruas e a Sapucaí ficaram vazias. Blocos e escolas de samba se reinventaram e estavam limitados às lives virtuais. O carnaval do carioca foi dentro de casa.

Porém, com o avanço da vacinação, cresce a esperança de ser realizado o carnaval em 2022. Em 1919, logo em janeiro, os jornais já noticiavam a volta do carnaval. Hoje, as mídias sociais se movimentam, as agremiações já escolhem seus sambas e o Rio de Janeiro já começa a se planejar para a festa, que pode contar com até 40 dias de folia, de acordo com a Prefeitura do Rio de Janeiro, contando com o pré-carnaval (COUTO, 2021).

2022 chega com a expectativa de ser o maior carnaval de todos. Em uma pandemia de duração maior que a de 1919, os foliões já estão preparados para os dias de festa em fevereiro. Assim como 100 anos atrás, será um carnaval para aproveitar a chance de estar vivo e cantar de braços abertos ao céu que “é hoje o dia, da alegria e a tristeza nem pode pensar em chegar”⁵⁴.

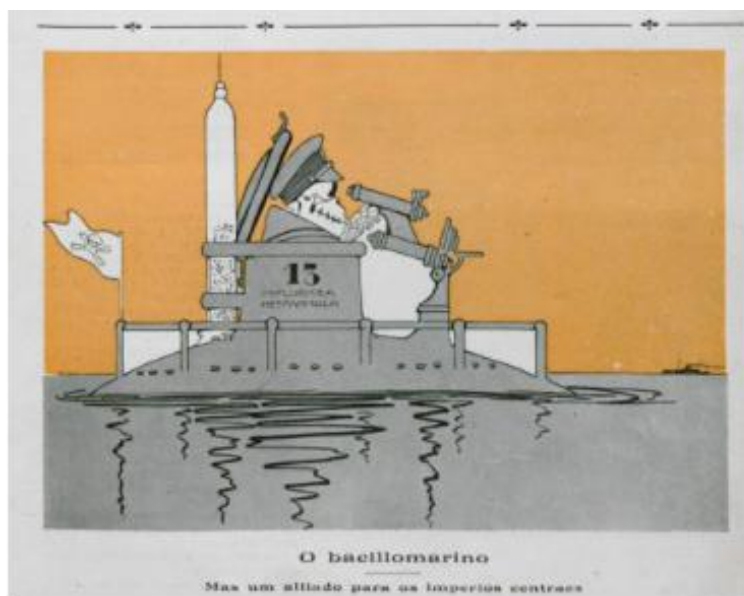
⁵⁴É Hoje. Intérprete: Aroldo Melodia. Compositores: Didi e Mestrinho. Rio de Janeiro, 1981.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

100 anos à frente da maior pandemia da história, que foi a gripe espanhola, a diferença no enfrentamento da nova pandemia poderia ser bem diferente. Porém, mesmo com o avanço tecnológico, cometemos erros iguais.

O contágio rápido, o estrangulamento do serviço hospitalar, os posicionamentos de autoridades e as orientações de saúde pública são bastante similares nas duas pandemias. Assim como no passado, outro país levou a culpa pela pandemia (FUSCO, 2020). Em 1918, os alemães foram vistos como vilões, criadores e disseminadores da moléstia e depois a culpa caiu para a Espanha, pela sua posição neutra e pela disponibilização de informações sobre a doença. No Brasil, a culpada foi a China, uma vez que o vírus surgiu em Wuhan, cidade chinesa. Questão que quase gerou um grande problema entre os dois países depois das declarações do presidente do Brasil.

Figura 35 - Charge que colabora com a ideia de que a gripe espanhola era uma doença espalhada pelos nazistas



Fonte: Revista Careta (1919)⁵⁵.

⁵⁵ REVISTA CARETA. O bacillomarinero. **Revista Careta**, Rio de Janeiro, 05 out. 1919. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Além disso, assim como em 1918, acreditava-se que a gripe não iria sobreviver por muito tempo no Brasil por causa do clima tropical, temperaturas altas ou que dificilmente a doença chegaria aqui. Uma visão diferente no século XXI, por conta desse pensamento, poderia ter salvado vidas.

Sobre a questão de medicamentos, na atual pandemia de coronavírus, o Presidente Jair Bolsonaro defendeu apressadamente os supostos benefícios da cloroquina ou hidroxicloroquina, no tratamento de pacientes com Covid-19, embora a comunidade científica e os médicos, e até a OMS não a recomendassem, o próprio presidente e algumas autoridades, se apressaram em apontá-la como solução (GUERRA, 2021).

Esse cenário não foi muito distinto na pandemia da gripe espanhola, inclusive, em 1918 a cloroquina já havia sido apontada como uma alternativa contra a gripe, entretanto, nenhuma autoridade de saúde aprovou a medicação, pois a mesma só era indicada para tratar malária, assim como hoje. Além de todos os remédios medicinais, Ruy Castro, em *Metrópole a Beira Mar*, menciona a aspirina fenacetina, do laboratório Bayer, cuja propaganda dizia ser “tiro e queda contra a influenza”, além do remédio homeopático gripina.

As medidas sanitárias tomadas, mesmo que tardias, foram iguais nos últimos dois anos: lavar as mãos, higienizar os ambientes, uso de máscaras, evitar aglomerações, fechamento de escolas e afins.

No entanto, em 1918 não havia uma autoridade política que negasse as recomendações das autoridades médicas. Não havia Ministério da Saúde ou SUS (Sistema Único de Saúde), mas as determinações do Rio de Janeiro, capital da república, eram prontamente copiadas pelos jornais em outros estados. Nesse ponto, como diz a antropóloga Lilia Schwarcz, houve uma “involução”, já que sequer as recomendações da OMS o governo se propôs cobrir.

Atualmente, a quantidade de informações é o maior benefício que temos. Há 103 anos a informação vinha por meio dos jornais, que ainda enfrentavam a censura do governo federal. Hoje, com um clique é possível ter atualizações em tempo real da quantidade de casos. Sabemos que isso facilita também a propagação de notícias falsas, mas ao mesmo tempo, há um maior potencial de disseminação de orientações adequadas visando à conscientização da população.

5.1 O CARNAVAL

É importante observar que as muitas alterações na forma de realização e na própria estrutura do carnaval das escolas de samba ao longo do último século produzem agora um novo contexto, que apesar de remeter à pandemia anterior, também se diferencia dela. A começar pela complexidade identificada na indústria do carnaval carioca hoje, onde as entidades carnavalescas atuam - ou deveriam atuar - como empresas privadas que gerenciam um bem público de interesse nacional.

O processo de forte profissionalização em quase todas as áreas relacionadas ao desfile carnavalesco posiciona a festa em lugar próximo simbolicamente, mas objetivamente distante na comparação com o abalo pela gripe espanhola. Há uma cadeia produtiva que depende diretamente desses eventos cujas demandas não parecem satisfatoriamente suplantadas pelo Estado e muito menos pelos maiores beneficiados com o seu poderoso ativo econômico.

Por um lado, o auxílio emergencial oferecido pelo Governo Federal como forma de amparo aos trabalhadores informais, desempregados, autônomos e outras categorias, em certa medida, contemplou alguns dos muitos profissionais carnavalescos no ano de 2020. Doutro, a inexistência de uma assistência mais propositiva e específica para os trabalhadores da folia marca mais uma triste realidade em decorrência da emergência sanitária pela Covid-19.

O interesse na promoção desses editais, manifestado pelo prefeito da cidade do Rio, Eduardo Paes, parece não ter encontrado ainda caminhos concretos para sua execução. E essa é uma demanda absolutamente própria da ausência desse carnaval de 2020, num tempo em que os agentes humanos envolvidos na preparação do espetáculo não o encaram como simples celebração cultural, tal qual em 1919.

A própria ideia de espetáculo está estritamente ligada, como vimos, à visão que considera a dimensão gigantesca dos desfiles das escolas de samba enquanto fenômenos históricos da contemporaneidade, de enorme repercussão midiática e até mesmo com reverberações internacionais, no contato com os milhares de

turistas estrangeiros. Além, claro, das muitas dinâmicas internas de produção já mencionadas.

Por todas as razões aqui investigadas e expostas, entendemos que o cenário de 2020 e sua projeção quanto ao próximo carnaval possível jamais passariam pela simplicidade da saída adotada em 1919, quando vimos que o poder público apenas observou a euforia popular na consagração da folia pós-pandemia. Na nova conjuntura, o poder público é parte indispensável da engrenagem e, por consequência, da solução.

Por tratar de um tema associado ao momento presente, as questões mobilizadas nesse trabalho logicamente não se encerram aqui. São levantadas para que no futuro novos estudos compreendam o desfecho do impasse quanto ao carnaval pós-pandemia a partir dos dilemas que analisamos hoje.

Responsável pela circulação de diversos saberes e áreas de atuação, o carnaval carioca de hoje pode e deve ser compreendido a partir de diversos campos de estudo para infinitos setores, e dentre eles, a gestão pública. Mais que isso, no debate sobre a relação carnaval e pandemia, os olhares sobre a gestão pública da folia assumem protagonismo absoluto pelo tamanho do problema.

Entendendo que nessa conjuntura não cabe mais ao gestor público o papel de observador da festa como no início do século XX, ele se torna justamente a chave para o enigma enfrentado pelas comunidades e as escolas de samba. Em meio aos milhares de profissionais atuantes nas instituições carnavalescas, os gestores públicos dependem de uma retomada vigorosa da folia quando possível, mas, sobretudo, são os maiores responsáveis por isso. Afinal, como visto, o carnaval também depende deles.

Diferente de 1919, onde a população foi para as ruas celebrar uma possível celebração contra a influenza e à vida, além de contar com autoridades omissas, em 2021 as ações de gestores públicos impediram a realização das festividades do carnaval, tais como blocos e desfiles de escolas de samba. Esta decisão foi fundamental para evitar aglomerações e o aumento dos casos de Covid-19.

Para o próximo carnaval, que ainda não há certeza se será realizado, é esperado que a maioria da população brasileira esteja vacinada. Não há certeza do formato dos eventos ou se haverá desfiles no sambódromo com a presença de

público. Mas há uma grande expectativa para que a festa consiga superar os desafios e para que o mundo consiga se reerguer depois de tantas perdas da pandemia, assim como foi feito 102 anos atrás.

Em 1919 eles fizeram o maior carnaval de todos os tempos. Pelo menos por enquanto.

REFERÊNCIAS

A RAZÃO. A greve dos coveiros. **Jornal a Razão**, Rio de Janeiro, 13 out. 1918.

ABREU, L. Epidemias: de Carlos Chagas em 1918 ao Brasil sem líder de 2020. **AdUFRJ**, Rio de Janeiro, 25 abr. 2020. Destaques. Disponível em: <https://www.adufrj.org.br/index.php/pt-br/noticias/arquivo/21-destaques/2950-de-carlo-s-chagas-em-1918-ao-brasil-sem-lider-de-2020>. Acesso em: 15 jul. 2021.

ALVARES, L. C. **O Rio civiliza-se: memórias das sociedades carnavalescas, uma perspectiva brasileira**. 2014. 138 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social)- Programa de Pós-graduação em Memória Social – PPGMS, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11646>. Acesso em: 20 set. 2021.

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BERNARDO, A. Gripe espanhola: a viagem em que o 'navio da morte' Demerara venceu bombardeios alemães e trouxe a doença ao Brasil. BBC News Brasil, Rio de Janeiro, 22 nov. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54907997>. Acesso em: 12 out. 2021.

BERTUCCI, L. M. **Influenza, a medicina enferma**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

BRASIL. **Decreto nº 3.361, de 26 de outubro de 1917**. Reconhece e proclama o estado de guerra iniciado pelo Imperio Alemão contra o Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-3361-26-outubro-1917-776105-publicacaooriginal-139969-pl.html#:~:text=Artigo%20unico%20Fica%20reconhecido%20e,publica%20que%20julgar%20necessarias%2C%20abrindo>. Acesso em: 20 maio. 2021.

CABRAL, S. **As escolas de samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 1996.

CÂMARA, R. S. O carnaval do fim do mundo: Como a gripe espanhola revolucionou a folia carioca. **360Meridianos**, Rio de Janeiro, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/carnaval-rio-1919-gripe-espanhola>. Acesso em: 20 set. 2021.

CASTRO, R. **Metrópole à beira-mar: O Rio moderno dos anos 20**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

COELHO NETTO, P. **Páginas Escolhidas**. Rio de Janeiro: Casa Editora, 1945.

CONY, C. H. O carnaval da gripe. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 fev. 2001. Opinião. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2502200105.htm>. Acesso em 10 set. 2021.

CORREIO DA MANHÃ. A “Influenza Hespanhola” na divisão naval brasileira em operações de guerra. **Jornal Correio da Manhã**, ano. XVIII, n. 7.149, 23 set. 1918. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1918_07149.pdf. Acesso em 07 set. 2020.

CORREIO DA MANHÃ. O presidente da República visitou a Santa Casa e teve péssima impressão. **Jornal Correio da Manhã**, ano. XVIII, n. 7.176, 20 out. 1918. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1918_07176.pdf. Acesso em 07 set. 2020.

CORREIO DA MANHÃ. O chá da meia-noite. **Jornal Correio da Manhã**, ano. XVIII, n. 7.311, 04 mar. 1919. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1919_07311.pdf. Acesso em 07 set. 2020.

COSTA, M. D. Gripe Espanhola e Futebol no Brasil (Parte 2): Rio de Janeiro, **Ludopédio**, São Paulo, v. 131, n. 58, 25 maio. 2020. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/gripe-espanhola-e-futebol-no-brasil-parte-2-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 12 out. 2021.

COUTO, C. Prefeitura do Rio anuncia 40 dias de Carnaval a partir de janeiro de 2022. **CNN Brasil**, Rio de Janeiro, 20 ago. 2021. Entretenimento. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/prefeitura-do-rio-anuncia-40-dias-de-carnaval-a-partir-de-janeiro-de-2022/>. Acesso em: 10 out. 2021.

CUNHA, M. C. P. **Ecos da folia: Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

EVANS, R. J. Epidemics and revolution: cholera in nineteenth century Europe. In: RANGER, T.; SLACK, P (org.). **Epidemics and ideas: Essays on the Historical Perception of Pestilence**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

FERREIRA, F. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FERNANDES, N. N. O carnaval e a modernização do Rio de Janeiro. **Revista Geo-Paisagem**, ano 2, n. 4, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www.feth.ggf.br/carnaval.htm#:~:text=O%20ano%20de%201855%20%C3%A9,desfiles%20carnavalescos%20chamados%20grandes%20sociedades>. Acesso em: 07 set. 2021.

FONTENELLE, J. P. Comentário médico-higiênico sobre a epidemia de influenza maligna. **Revista Saúde**, n. 3, p. 48, 1919.

GAMA, R. M. **Dias mefistofélicos: a gripe espanhola nos jornais de Manaus (1918-1919)**. 2013. 171 f. Dissertação (Mestrado em História)-Programa de Pós-graduação em História - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3971>. Acesso em: 12 out. 2020.

GAZETA DE NOTÍCIAS. A Santa Casa não é misericordiosa. **Jornal Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XLIII, 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

GAZETA DE NOTÍCIAS. É preciso demiti-lo. **Jornal Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XLIII, n. 286, 15 out. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1918_00286.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

GOULART, A. C. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde** - Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 101-142, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Wkqm45R4ptVzTqSpKxJhfRh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2021.

GUERRA, R. Bolsonaro defendeu uso de cloroquina em 23 discursos oficiais; leia as frases. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 maio. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384#newsletterLink>. Acesso em: 26 jul. 2021.

GURGEL, C. B. F. M. 1918: a gripe espanhola desvendada?. **Rev Bras Clin Med**, São Paulo, p. 380-385. out./dez. 2013. Disponível: <https://www.sbcm.org.br/ojs3/index.php/rsbcm/article/view/28/26>. Acesso em: 12 out. 2020.

JANASI, L. Gripe espanhola: a grande pandemia do século XX. **Politize!**, 12 mar. 2020. História/Saúde. Disponível em: <https://www.politize.com.br/gripe-espanhola/>. Acesso em: 25 jun. 2021.

MAIS HISTÓRIA, POR FAVOR! Como a curva de mortes da gripe espanhola cresceu no Rio de Janeiro, em 1918? **Mais história, por favor!**, 06 abr. 2020. 2020a. Disponível em: <https://medium.com/@podcastmaishistoriaporfavor/como-a-curva-de-mortes-da-gripe-espanhola-cresceu-no-rio-de-janeiro-em-1918-d241398f8961>. Acesso em: 09 set. 2020.

MAIS HISTÓRIA, POR FAVOR! Duas cidades, duas curvas: SP e RJ tomaram medidas diferentes em 1918, qual das medidas salvou mais vidas? **Mais história, por favor!**, 14 abr. 2020. 2020b. Disponível em: <https://medium.com/@podcastmaishistoriaporfavor/duas-cidades-duas-curvas-sp-e-rj-tomaram-medidas-diferentes-em-1918-qual-das-medidas-salvou-3294b71c5b58>. Acesso em: 09 set. 2020.

MAIS HISTÓRIA, POR FAVOR! Curas para a gripe espanhola: teve até treta de farmacêutico em 1918. **Mais história, por favor!**, 25 abr. 2020. 2020c. Disponível em:

<https://medium.com/@podcastmaishistoriaporfavor/curas-para-a-gripe-espanhola-teve-at%C3%A9-treta-de-farmac%C3%AAutico-em-1918-9934da454c9c>. Acesso em: 09 set. 2020.

MEYER C.L.; TEIXEIRA, J.R. **A gripe epidêmica no Brasil e especialmente em São Paulo**. São Paulo: Casa Duprat, 1920.

MORAES, E. **História do Carnaval Carioca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

MOTA, R. Basites pulmonares. **Arquivos brasileiros de Medicina**, Rio de Janeiro, p. 305-308, 1919.

NASCIMENTO, N. Anais da Câmara dos Deputados, sessão de 28 de outubro de 1918, vol. X. 1918.

NAVA, P. **Chão de Ferro: Memórias - 3**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

NEPOMUCENO, E. B. **Carnavais da abolição: diabos e cucumbis no Rio de Janeiro (1879-1888)**. 2011. 244 f. Dissertação (Mestrado em História Social)- Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Disponível em:

<https://www.historia.uff.br/academico/media/aluno/1479/projeto/Dissert-eric-brasil-nepomuceno.pdf>. Acesso em: 15 maio. 2021.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Notícias. O Estado de São Paulo, São Paulo, 21 out. 1918. p. 3.

O PAIZ. Várias. Jornal O Paiz, Rio de Janeiro, ano XXXV, n. 12.562, 03 mar. 1919. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1919_12562.pdf. Acesso em: 12 out. 2020.

OLIVEIRA, N. IBGE: expectativa de vida dos brasileiros aumentou mais de 40 anos em 11 décadas. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 29 ago. 2016. Notícia. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-08/ibge-expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumentou-mais-de-75-anos-em-11>. Acesso em: 20 jul. 2021.

PAIVA, V. Como o Rio de Janeiro fez um dos maiores carnavais da história após a gripe espanhola. **Hypeness**, Rio de Janeiro, 27 maio. 2020. Disponível: <https://www.hypeness.com.br/2020/05/como-o-rio-de-janeiro-fez-um-dos-maiores-carnavais-da-historia-apos-a-gripe-espanhola/>. Acesso em: 30 maio. 2020.

REIS, F. Gripe espanhola: caipirinha é inventada como remédio, morte do presidente do Brasil e de 50 milhões. **Pfarma**, 25 mar. 2020. Saúde. Disponível em:

<https://pfarma.com.br/noticia-setor-farmaceutico/saude/5331-gripe-espanhola.html>. Acesso em: 29 out. 2020.

REVISTA DA SEMANA. Informativo sobre prevenção da gripe. **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 09 out. 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. p. 51.

RIO DE JANEIRO, Prefeitura do. Boletim da Prefeitura do Rio de Janeiro, vol. 56. 1918.

RIO DE JANEIRO, Prefeitura do. Melhor carnaval de todos os tempos no Rio: mais de 10 milhões de foliões e alto índice de aprovação por turistas. **Rio Acontece**, 02 mar. 2020. Disponível em: <https://prefeitura.rio/rio-acontece/melhor-carnaval-de-todos-os-tempos-no-rio-mais-de-10-milhoes-de-folhoes-e-alto-indice-de-aprovacao-por-turistas/>. Acesso em: 12 out. 2021.

RODRIGUES, N. Memórias: A menina sem estrela. Organizado por Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SANTOS, R. A. O Carnaval, a peste e a 'espanhola'. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 129-158, jan./mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/Z9Lr5HqtjXzFsTD5FFvGFBQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2021.

SEIDL, C. *Anais da Academia Nacional de Medicina*, sessão de 10 de outubro de 1918.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **A bailarina da morte: A gripe espanhola no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

FUSCO, N. Governo e foliões minimizam risco de contágio do coronavírus no carnaval. **Jovem Pan**, 06 fev. 2020. Notícias. Brasil. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/governo-e-folhoes-minimizam-risco-de-contagio-do-coronavirus-no-carnaval.html>. Acesso em: 26 abr. 2020.

SILVADO, Jayme. [Correspondência]. Destinatário: Redator do jornal A Época. Rio de Janeiro, 21 out. 1918.

SIMAS, L. A. **Carnaval, História e Política com Luiz Antonio Simas**. Canal ProEnem, 21 fev. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sVzZUNSL03Q>. Acesso em: 01 abr. 2020.

TAUBENBERGER, J.K; MORENS, D.M. 1918 Influenza: the mother of all pandemics. **EID Journal**, v.12, n. 1, jan. 2006.

UJVARI, S. C. **Pandemias – a Humanidade em Risco**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

VALENÇA, R. **Carnaval: pra tudo se acabar na quarta-feira**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.

WANDERLEY, A. C. T. E o ex e futuro presidente do Brasil morreu de gripe...a Gripe Espanhola de 1918. **Brasília Fotográfica**. 23 de março de 2020.

WESTIN, R. Há 100 anos, gripe espanhola devastou país e matou presidente. **Jornal do Senado**, Brasília, 03 set. 2018.

WESTIN, R. Em 1918, gripe espanhola espalhou morte e pânico e gerou a semente do SUS. **El País**, 15 mar. 2020. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-03-16/em-1918-gripe-espanhola-espalhou-morte-e-panico-e-gerou-a-semente-do-sus.html>. Acesso em: 12 out. 2021.

WILLMOTT, H.P. **World War I**. New York: Dorling Kindersley, 2003.